



CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS
DO ENSINO

Mulher de Coragem



MARIA PILAR DE VASCONCELLOS

Mulher de Coragem

Vida de Carmen Sallés

Fundadora da Congregação das Irmãs
Concepcionistas Missionárias do Ensino

3ª edição – 2005

Revisada e ampliada de acordo com as pesquisas feitas por
Maria Asunción Valls Salip, publicadas em seus livros "Carmen Sallés:
Mulher de Ontem e de Hoje" e "A Voz de Nossa História" Vol. I.



CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS
DO ENSINO

SEDE PROVINCIAL:

Rua Humberto I, nº 395 - Vila Mariana
Cep: 04018-031 - São Paulo - SP - Brasil
www.concepcionistas.com.br

Produção Gráfica: Ednilson Silva Coelho
Impressão: Grupo Impressor - São Paulo - SP

Imagem da Capa: Museu Carmen Sallés - Marcilla - Espanha



Madre Carmen Sallés Y Barangueras

Fundadora da Congregação de Religiosas
Concepcionistas Missionárias do Ensino



Índice

1 - Para você, Jovem.....	9
2 - Menino ou Menina?.....	11
3 - Psiu! Caladinha, hein?.....	15
4 - As Freiras são gente?	19
5 - A Veste Branca e Azul	21
6 - Formosa Moreneta, Rainha de Monserrat	23
7 - Que pena! Já tenho namorado firme	25
8 - Case-se.....	29
9 - Preparando o enxoval	33
10 - Da beleza até Deus.....	37
11 - Onde me quer Deus?.....	39
12 - Aqui Deus não me quer	43
13 - A Senhora é tão bonita!	45
14 - Poucos são os operários.....	49
15 - Deixa-me agir!.....	53
16 - Da antecâmara do céu	57
17 - “Deus Escreve Certo por Linhas Tortas”	61
18 - Ele triunfou.....	65
19 - É bom ficar aqui.....	67
20 - Em marcha, outra vez.....	69

21 - Pelos sofrimentos e injúrias, obrigado.....	73
22 - Juventude, teu nome é beleza.....	75
23 - É o fim	83
24 - Que Mulher!.....	87
25 - São ricas, hein?!	89
26 - Na arena	93
27 - Embaixo ou em cima.....	95
28 - Talher? Miolo de pão	97
29 - Nos tribunais	101
30 - Madri	105
31 - Em ruínas	107
32 - Aleluia!	111
33 - ¡Qué hermana más guapa!.....	113
35 - Educar é amar	117
35 - Juventude, teu Nome é Amor	121
36 - Bom humor.....	125
37 - O mistério do Amor.....	129
38 - E agora?!.....	135
39 - Depois?.....	143
40 - E a semente floresceu	145
41 - Na Linha Conciliar.....	149
42 - E a Virgem	153
43 - Século XX...XXI.	157

Anexo: "Ficha de Leitura"



Para você, jovem!

1

Ela foi uma “mulher de coragem”. Foi e é, porque sua lembrança vive ainda entre nós.

Nasceu, cresceu como todos nós. Foi criança e adolescente normalíssima, na sua época...

Foi jovem, noiva e, depois, religiosa. Delicada, compreensiva, indulgente ou severa, quando necessário, intelectual... Enfim, sessenta e três anos vividos normalmente, integralmente.

Mas, uma nota vibrava mais no seu comportamento orquestral: Deus era sempre sua meta.

Jovem cem por cento vibrava de alegria e jovialidade... por Deus.

Religiosa: na Igreja, pela Igreja, pelos irmãos.

Sua vida foi simples. Não procure milagres nela, êxtases, coisas extraordinárias. Mas, sinta, nas entrelinhas, uma pessoa sincera, pura, capaz de dizer “sim” e “não”; capaz de chorar e sorrir, de amar, perdoar, de se magoar e de se irar também.

Veja nela uma jovem como você, que desejou ser feliz como você e para isto se enfrentou, se conheceu, se venceu e serviu aos outros.

Ela é Madre Carmen Sallés ou Irmã Carmen, Carmen, Carmencita, Carmeta, Beata Carmen Sallés, Madre Fundadora... uma espanhola corajosa e decidida, que centralizou em Deus, através de Maria Imaculada, seus ideais, seus anseios, suas possibilidades.

Seja amiga dela e, igual a ela, será “uma pessoa de coragem”.

Nota: O nome do jovem namorado de Carmen (Paulo) e alguns outros que não interferem na veracidade dos fatos, alguns diálogos, conversas ou monólogos são recursos de estilo; mas, conserva-se fidelidade ao essencial, ao espírito de Madre Carmen e aos testemunhos dos que desfrutaram de sua presença e de documentos existentes.



2

Menino ou Menina?

“Deus os abençoou dizendo: “Sede fecundos e multiplicai-vos, enchei toda a terra...”
(Gn 1,28)

O jovem José Sallés anda de um lado para o outro na confortável sala de sua residência, em Vic (Espanha).

Na porta da sala onde ele se encontra, aparece a carinha risonha de um garotinho de quase dois anos:

– Papá, Papá!

O senhor José o toma em seus braços:

– Francisco, você vai ganhar um irmãozinho agora mesmo. Vamos pedir ao papai do Céu que ele chegue logo para a mamãe descansar.

E, unindo as mãozinhas do pequenino, fá-lo balbuciar uma oraçozinha que só Deus entende, pois o garotinho mal sabe falar.

- Bem, filhinho, agora vá dormir. Quando seu irmãozinho chegar vou chamá-lo. Vá!

Francisco sai contente, depois de beijar o pai; e o Senhor José aguarda ansioso a chegada de mais um filho naquele lar abençoado, constituído por ele e a jovem Francisca Barangueras, há quase três anos.

Francisco é, por enquanto, o mimo da casa, educado já desde pequeno, sob os fundamentos sólidos da moral cristã. Mas, não ficaria só nele. Quantos filhos o Senhor quisesse enviar.

Naquele nove de abril de 1848, bem de madrugada, às três horas da manhã, mais um viera aumentar a alegria do lar; oito o seguiriam, formando, com o correr do tempo, um grupo de sete crianças alegres, buliçosas como costumam ser os espanhóis. Sete, porque os três últimos, Dolores, Antonio e Juan, morreram bem pequenos. Teresa morreu jovem.

O senhor José pensa e faz planos: se fosse menino chamar-se-ia Luís... seria como Luís de Gonzaga: jovem sadio e puro. Formá-lo-ia para a luta com o mundo... Quem sabe não seria sacerdote?... Se Deus o chamasse, que felicidade, que honra para a família!

Se menina,... pois seria Rosa... mas queria também Carmen... Educá-la-ia com as Religiosas... Seria uma ótima dona-de-casa... casar-se-ia muito bem e continuaria a tradicional família Sallés.

Nisto...

- José, és pai de mais uma linda criança.

- Menino? Indaga ansioso.

- Não, menina. De olhos azuis como o céu de hoje.

- Bendito seja Deus! Que ela lhe dê muita glória, Senhor.

José vai pressuroso ao quarto, depositar na filhinha o primeiro beijo, enquanto, mais tarde, Francisco é trazido para conhecer a irmãzinha.

Os dois jovens esposos traçam já planos para o futuro da criança. Seu nome, como era costume, seriam três: o primeiro escolhido pelo padrinho, o segundo pela madrinha e o terceiro pelos familiares ou pelo vigário...

Dois dias depois, no dia onze, foi levada à catedral de Vic, com os padrinhos, seu pai e o pequeno Francisco que já se tornou grande amigo da irmãzinha e sempre o será pelos tempos afora.

Na pia batismal, Padre José Sabatés interroga a garotinha, recebe as respostas que os padrinhos, o senhor Francisco Barangueras, avô materno, dona Francisca Tosell, grande amiga da família, dão em seu nome, e a introduz na Santa Igreja.

“Maria del Carmen Francisca Rosa, eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.



Psiiu! Caladinha, viu?

“A maravilha da infância é que, para a infância, tudo é maravilha” (Chesterton).

Em Vic, Carmencita crescia e manifestava seus encantos.

Ali, na prosperidade que gozava, então, a família Sallés, Carmen começou o aprendizado da vida.

Seu brinquedo predileto: as bonecas. Com elas passava horas a fio, divertindo-se. No entanto, havia uma pela qual ela tinha um particular carinho. Era Carmeta (Carminha, em catalão). Se Carmen percebia que sua mãe ia sair, logo se aproxima, sorrateiramente:

– Mamãe, posso ir e levar a Carmeta?

E dona Francisca a levava, quando ia à Missa ou a Horas Santas, pois pensava: mesmo que não entenda ainda nada, alguma coisa pode ficar-lhe desses momentos de oração.

Lá ia Carminha toda feliz com sua Carmeta nos braços. Na porta da igreja dizia à boneca:

–Psiu! Caladinha, viu? Aqui não se pode conversar.

Colocava a boneca sentadinha ao lado, acariciava-a, por vezes e continuava acompanhando as funções.

O jovem casal comenta feliz com os parentes:

– Realmente, Carmen é de uma doçura incomparável.

Temos que cultivar nela esses dons admiráveis que a Providência aí colocou.

– Ela é viva, esperta e levada como todas as crianças de sua idade. Vê-se que tem saúde e inteligência.

Ela e os irmãozinhos de dão muito bem. Todos em casa lhe querem muitíssimo.

Uma tarde, a família Sallés, já em véspera de ser enriquecida com nova criança, estava conversando no salão de inverno, enquanto Carmen, Francisco e José brincavam por perto. Petronila, uma empregada muito achegada aos patrões, diz:

– Gosto muito de Carmencita; é uma criança meiga e, apesar da pouca idade, tem cada saída!... Querem ver o que ela faz com os santinhos? Beija-os e faz questão que todos os beijem.

–Carmencita!

Assoma à porta uma cabecinha loira com os olhinhos azuis encantadores e na sua língua de trapos:

– Que foi, Nila?

– Venha, Carmencita. Olhe que lindo santinho para você!

E Petronila, pegando-a ao colo, mostra-lhe um santinho onde Jesus, descido da cruz, está nos braços de sua Mãe. Os pais (que sempre são “corujas”), ansiosos por verem o que ela faria, não tiram os olhos do quadro.

– Papai, por que ele está assim machucado? Você não pode curá-lo? Quem o machucou assim, mamãe?

Os pais, aproveitando a ocasião, contam-lhe uma historinha de como Jesus quis morrer na cruz por nosso amor.

– Mamãe, eu gosto dele, nunca vou machucá-lo. Nem

eu, nem Francisco, nem José, nem a Carmeta (a boneca)... ninguém!

E, contente com este precioso tesouro, os pais a beijam com amor.

– Sim, filhinha, antes morrer que pecar.



As freiras são gente!?

“Quem ama seu pai ou sua mãe mais que a mim não é digno de mim” (Mt 10, 37).

Já o lar Sallés está parecendo um buliçoso parque infantil. Francisco, Carmen, José, Teresa, Buenaventura, Melchora animam o ambiente com suas travessuras, seus novos brinquedos. Os pais, como podem, vão infiltrando naqueles ternos coraçõezinhos a noção de virtude, de responsabilidade, de oração e sacrifício, embora, como é natural, as crianças lhes dessem, com frequência, boas dores de cabeça.

Em Vic, há numerosos conventos. Carmen já conhece alguns e já ouviu as religiosas cantarem o Ofício. Em seu coração de criança, imagina que elas são anjos do céu que cantam e louvam a Deus.

Em casa, Teresita, que é muito doentinha, e Melchora brincam de casinha, numa grande animação.

– Carmeta, venha brincar conosco. Falta o pai na casinha e você vai ser o pai. Venha!

– Não, agora não. Estou ocupada.

Sentadinha perto de seus brinquedos, pensa. De repente, salta de seu lugar e vai correndo ao encontro da mãe.

– Mamãe, mamãe, posso perguntar uma coisa muito importante?

– Sim, filhinha. O que é?

– É verdade que as freiras são casadas com Jesus?

– É. Elas deixam a casa delas, a mamãe, o papai, os irmãozinhos, os brinquedos, tudo, tudo e vão viver só para Jesus, lá no convento.

– Ah! mamãe... Então as freiras são gente?!...

– Claro, filhinha! São iguaizinhas a nós. Você não conhece Conchita? Pois então: ela vai entrar no convento e ser freira como as que estão lá.

– Então eu posso ser freira?

– Sim, quando você for grande e quiser... então, sim. Você pode.

– Então eu vou ser freira quando crescer.

E corre a se vestir de “freira”, com um vestido da mãe e um xale preto que ela põe na cabeça; em volta do rosto, uma toalha branca, imitando o toucado das freiras e, na cintura, um colar que, dizia, era o terço. Os pais não podem senão rir ante aquele quadro engraçado. Agora, chamava-lhe a atenção a roupa diferente; uns quinze anos mais tarde, depois de conhecer as duas opções de vida, pesá-las e avaliá-las, compreenderia a beleza do Amor que conduz à vida religiosa.

Como gostava, então, de compor altares e imitar, com sua vozinha, o canto das freiras! Chama os irmãos e as amiguinhas para cantarem com ela e faz um verdadeiro convento com suas bonecas. Ora ela é superiora, ora é súdita e a Carmeta é a superiora. E quanta bagunça há, às vezes, nesse “convento”!



5

A veste branca e azul

“Não basta que eu morra comungando, ensinai-me a comungar morrendo” (Teilhard de Chardin).

Tendo herdado dos antepassados uma considerável fortuna, aumentada pelos lucros que José, como comerciante obtinha, a família Sallés levava uma vida tranqüila. Os filhos gozavam da prosperidade dos pais e era comentado em Vic como se apresentavam bem em sociedade.

Porém... (tudo na vida tem seus poréns). A bondade sem par do Sr. Sallés, aliada, talvez, à falta de certo tino administrativo e ao momento socioeconômico ocasionaram um revés em seus negócios, fazendo a família Sallés passar por uma difícil crise financeira. Aconselhado pelo sogro, em 1856, a família se mudou para Manresa.

Estamos, pois, em Manresa...Carmen está com oito anos.

Instalados com relativo conforto, começam a manter relações com a sociedade: Dr. Cortés, Sr. José Gaura...

Carmen estréia no Colégio das Irmãs da Companhia de Maria, “O Ensino”. Dotada de grande inteligência, aprende com facilidade e faz progressos no colégio das Religiosas da Beata Joana de Lestonac.

Às vezes se aproximava da Irmã dirigente e lhe dizia:

–Irmã, tenho tanta vontade de comungar!...

As mestras aproveitavam para lhe inculir um bom procedimento, aplicação...

Dezoito de abril.

Na paróquia de Seo, os pequeninos coroinhas até se dependuram na corda do sino para batê-lo mais fortemente. Seu badalar ressoa por toda Manresa, acordando os dorminhocos e fazendo com que as neocomungantes, acordadas desde há muito, tornem-se mais irrequietas e aflitas.

Uma e outra vez ressoam os sinos. De repente, soam onze horas no alto da bela matriz. Muitas crianças, umas cinqüenta, em fila se aproximam.

– Mamãe, lá está Carmeta!

E Carmen, de túnica branca e véu azul, está na fila das neocomungantes.

Acabada a Santa Missa, quanto rebuliço, quanta alegria!

Carmen volta para casa. Aquele dezoito de abril de 1858 é memorável: felicidade, festa na família. A linda vestimenta carinhosamente deposta é guardada como lembrança. E seus pais guardam também a recomendação do Padre que ouviu a confissão da menina Carmen: “Cuidem bem dela. É uma jóia que Deus lhes deu!”

E, desde então, quando faz suas baguncinhas:

– Ih! Será que vou poder comungar?... Me perdoa, Jesus!

São tantos... Imaginem quanta “dor de cabeça” não teriam os pais e a babá Petronila.



6

Formosa Moreneta, Rainha de Monserrat

*“Mais que a aurora surgiste formosa, doce luz
invadindo a terra...”* (música de N.Sra.).

Monserrat é um santuário importante em Catalunha – região da Espanha - mais ou menos como Aparecida para nós. Está no alto de um morro, “um templo pendurado entre o céu e a terra, com umas rochas incríveis por pedestal”.

Em 1858, José e Francisca com os filhos Francisco, Carmeta, José, Teresa, Ventura e Melchora – talvez até o pequeno Luís – vão de trem até um trecho do caminho e depois de carruagem e ainda em cavalos alugados e sobem até o alto do morro. Para as crianças, tudo é excitação e novidade.

Vão pelo “caminho da peregrinação” e caminham até a porta do Santuário.

Carmen abre as portas de seu coração de par em par!
Em seu trono, a imagem negra da Virgem e Mãe lhes sorri. Todos se aproximam em silêncio e beijam a mão de Nossa Senhora de Montserrat.

A mãe conta às crianças que, há muitos anos, por volta de 1582, D. Maria da Áustria, irmã do imperador Carlos V, subiu aquele caminho com sua filha, a princesa Margarita, que queria pôr nas mãos de Nossa Senhora uma coisa muito importante para ela. E ela pôs um bilhete escrito com seu sangue: *“Com o sangue de meu coração, ofereço-me e entrego-me como esposa a Jesus e suplico que seja minha medianeira a Virgem Maria, em fé do qual assino: Margarita”*. Dizem que esse bilhete ficou guardado durante muito tempo... e que a princesa viveu e morreu no Mosteiro das Descalças Reais em Madri com o nome de Irmã Margarita da Cruz.

Carmen se emociona...Carmen também coloca um papelzinho entre as dobras do manto de Nossa Senhora e promete que ela vai ser “esposa de Jesus”.

Coisa de criança... Mas, como disse Madre Asunción Valls em seu livro: “neste ano de graça (1858), Deus visitou especialmente uma menina de dez anos. Antes, em sua Primeira Comunhão e, agora, em Monserrat ponto de partida de uma vocação”.

Nossa Senhora leu o bilhete e ajudou Carmen a torná-lo realidade, um dia!



7

Que pena! Já tenho namorado firme

“Amar é aspirar à totalidade.”

– Oh! Carmen. Como vai? Vem fazer-nos uma visitinha, não?

– Sim, Irmã. E aqui está alguma coisinha para os nossos velhinhos.

E lhe entregava não coisinhas, mas muitas coisas: roupas e alimentos para os velhos do asilo das Irmãzinhas dos Pobres.

Esta cena era comum às Irmãzinhas que também eram alegremente acolhidas na casa do Sr. José Sallés, onde sempre encontravam generosas esmolas para os seus pobres.

E não só isso: os doentes da Santa Casa já conhecem de longe os passos de Carmen – elegante e fina jovem de Manresa

– que não acha demais visitar pobres e enfermos para lhes levar consolo e carinho.

Manresa se orgulhava de sua mocidade; nela sobressaía Carmen. Bela, elegantemente trajada, social, trazendo estampada em seu rosto a pureza da alma e a marca de uma maturidade precoce atraía os olhares dos jovens manresanos que sonhavam ter uma esposa assim.

Adivinhava-se a hora em que Carmen devia passar em tal rua e... lá estavam, na esquina, grupos de jovens, alguns da alta sociedade de Manresa.

– Como ela é bonita!

– Que lindas formas!

– Mas, vejam. É orgulhosa... Nem nos olha.

E muitos comentários deste estilo e assovios chegavam aos ouvidos de Carmen...

Beleza, jovialidade, virtude... naturalmente atraíam invejas e ciúmes das próprias companheiras e...

– Carmen só gosta de fazer sofrer os rapazes; atraí-lhes a atenção e despreza-os.

– Carmen é orgulhosa...

Outras a queriam muitíssimo...

Carmen continuava freqüentando assiduamente a Pia União das Filhas de Maria. Monsenhor João Bunet, diretor da Pia União, tinha plena confiança nos trabalhos de Carmen. Sabia que ela era cem por cento: jovem alegre, entusiasta, filha amorosa da Virgem Maria.

Terminando a reunião, aos sábados, ficava sempre uns minutos aos pés da Imaculada, fazendo uma oração. Depois se unia ao animado grupo de jovens que, sadiamente, se divertiam.

Ainda que muitos a admirassem e mesmo gostassem dela, um, porém, sentia por ela verdadeira paixão. Ótimo jovem, de família boníssima, enamorou-se de Carmen. Dia e noite procurava o momento oportuno para lhe falar e, sobretudo, declarar-lhe seu amor.

Carmen sempre fugia.

Naquele sábado, Carmen demorou mais que de costume na igreja.

Ele não agüentou mais. Deixou seus amigos e entrou na igreja. Lá estava ela, de joelhos, conversando com a Virgem. Que beleza! Se ele fosse pintor naquela hora... Vestida de cinza – um conjunto muito bem talhado – seus louros cabelos presos no alto... Para ele era uma aparição divina e não resistiu mais:

– Carmen, se soubesses como te amo!...

Carmen o olhou. Suas faces afoguemaram... Mas, decididamente:

– Que pena! Sinto muito. Mas, eu já tenho outro namorado firme.



8

Case-se

“Põe-me como um selo sobre teu coração, porque o amor é forte como a morte” (Cant 8,6).

Mas, aquele jovem não se conteve. Passou a noite remoendo-se de ciúmes. Quem seria este felizardo que tinha o amor de Carmen? E arquitetava planos para afastá-lo dela.

No outro dia, ei-lo na casa de Carmen. Esta não estava; havia ido ao campo com seus irmãos menores.

Meio atrapalhado, sem saber o que dizer, ele roda nas mãos o elegante chapéu. Dona Francisca desconfia e...

– Quer falar-nos de Carmen, não é?

– É sim. É que... é que...

E o Sr. José, todo satisfeito:

– Você gosta dela?

O jovem se anima.

– Amo-a com loucura. Por ela daria minha vida. Quero-a

para esposa, mas ela já tem namorado... Eu queria saber quem é esse felizardo.

Os esposos se entreolham; compreendem o ciúme do jovem e se alegram. Ele é da alta sociedade, ótimo partido para Carmen. (Não nos esqueçamos de que estamos no século XIX... os namoros e casamentos não são como hoje, século XXI).

– Sim?! Quem disse que ela tem namorado?

– Foi o que ela me disse ontem.

– Oh! Não acredite! Ela não tem namorado. Mas, nós tomaremos o seu partido junto dela e, quem sabe, tudo se arrumará. Calma, rapaz, calma. Nada de decisões rápidas. Carmen é sensata.

– Falarei com ela outra vez...

– Não o creio conveniente, diz a mãe. Eu preparo o terreno, depois você faz o resto.

O moço sai todo esperançoso, feliz, pensando que logo Carmen será sua esposa. Planeja o futuro, já vê um lar feliz...

Enquanto isso, Carmen, toda satisfeita, arquiteta seus planos: “Vou falar com meus pais; quero ser religiosa. Mas, onde? Que Congregação escolher? Quero dedicar-me toda a Jesus Eucarístico, por meio de Maria e trabalhar com a juventude... Oh! Isso me encanta! Levar estas jovens ardorosas para Deus, ajudá-las...”

– Carmeta, Carmeta, venha aqui!

E Luisito a tira de suas cogitações, chamando-a para ver umas lindas flores rasteiras com que Teresa trança linda coroa.

– Vamos levá-la à Virgem do seu quarto, exclama feliz, certa de que com isso agradará a querida irmã.

– Que ótimo! Vamos então para casa. Já é hora do lanche!

E o grupo feliz segue pulando pelo caminho. Carmen sente uma angustiazinha no coração... Não sabe por quê... Em casa, espera-a o começo da tempestade que irá se desencadear lá no seu interior.

– Carmen (e não Carmeta, como é seu costume), temos um assunto sério para tratar.

– Pois não, papai. A que horas?

– Depois do lanche, falaremos, filha.

O coração de Carmen desconfia e se arma para o que der e vier; apronta-se para não dar o braço a torcer se for o que ela pensa. Casar-se? Só com Jesus. Ele a escolhera.

Depois do lanche, o Sr. José vai direto ao assunto:

– Carmen, você já é jovem. Nossa família está em suas mãos. Francisco e José já seguiram o caminho que Deus lhes traçou. Você deve continuar a tradição de nossa honrada família e...

– Papai, eu não pretendo me casar.

– Lembre-se que em nossa família não há desobediências às ordens dos pais. Nós queremos que você se case e de preferência com o jovem Paulo, moço de boa família, nobre e piedoso. Porém, se ele não lhe agrada, procure outro jovem honesto. Mas, como ele, você não encontrará e ele a ama.

O Sr. José se levanta e sai da sala, deixando ali Carmen imersa em seus pensamentos.

– Não, não me casarei com homem da terra. Meus pais vão se convencer de que só serei esposa de Cristo.



Preparando o enxoval

“A liberdade sai da luta como o fruto da flor.”

Os Sallés estavam empenhados no casamento de Carmen com Paulo. Falaram e convenceram os sacerdotes, amigos da família, de que Carmen devia se casar. Assim que, a pobre Carmen recebia de todos a quem recorria o mesmo conselho:

– Continue a honrada família Sallés, dando filhos ao mundo e glória a Deus.

Mas, sem desconhecer a sublimidade do matrimônio e as alegrias que ele traz, Carmen não se sentia atraída a este caminho. Que fazer? Não se atrevia a declarar redondamente aos pais que nunca se casaria e os pais, tomando esse silêncio como consentimento, introduzem Paulo em casa. Carmen tenta, então, ver se dava para o casamento.

Os dois conversam, passeiam juntos. Carmen responde sem entusiasmo às perguntas, demonstrando que era algo força-

do nela aquele namoro; mas ele não enxergava nada. Falava-lhe do futuro, da felicidade de seu lar.

D. Francisca preparava já seu enxoval. Peças finas, delicadas como a jovem que as usaria. Feitas ou compradas com carinho de mãe que prepara um novo lar, o de sua filha mais velha.

E Carmen? Acompanha a tudo com uma amargura íntima e lutas interiores. Aos pés da Virgem desabafa seu coração, pois se via induzida a dar um passo contrário à sua vocação, a qual não discernia bem. Não tinha a quem se dirigir... e, se fosse ilusão a sua vocação religiosa?

Ela reza. Reza com fervor. À noite, todos descansam, Petronila ouve ruídos e fica alerta. Então, ela vê Carmen se levantar devagarzinho e ajoelhar-se ante a Virgem Maria e ali ficar muito tempo rezando. Isto todos os dias.

As preocupações próprias de uma situação como essa lhe afetam a saúde, que não resiste à luta interior. Os pais se preocupam, mas ainda não atinam com o sofrimento moral de Carmen.

E os preparativos para a próxima festa de casamento continuam com todo entusiasmo por parte de todos, menos de Carmen.

Paulo, sentindo a sua indiferença, procura animá-la.

– Carmen, você está fraca. Precisa de repouso. Vá descansar uns dias em nossa casa de campo. Lá, mamãe cuidará de você. Depois...

– O depois Deus dirá. Digo-lhe claramente: o casamento agora tão cedo não me fascina.

– Esperemos, então.

– É o melhor. Deus disporá tudo de modo que você seja feliz. A SSma. Virgem não abandona os que nela confiam.

De fato, iria começar o mês de maio. E maio traz ao coração de Carmen a paz tão desejada. Maio, mês de Nossa Senhora!

Nos últimos dias de abril, chegara a Manresa um jovem

sacerdote jesuíta, Padre Antônio Governa, reconhecido por seu zelo e grande prudência e fino trato com a juventude.

Logo Carmen tratou de lhe manifestar o seu problema. Narrou-lhe tudo, tintim por tintim, sincera e candidamente. O piedoso jesuíta viu, nessa alma, uma jovem prendada física, intelectual e espiritualmente. Compreendeu-a e viu-a capaz de grandes coisas no campo espiritual.

– Não se preocupe mais, minha filha. Já sofreu bastante, Deus está satisfeito. Conheço o Paulo; vou convencê-lo de que você não foi feita para ele. Quanto a seus pais, sei que são genuinamente cristãos. Deus tirar-lhes-á a venda dos olhos e eles verão a graça insigne que é ter uma filha esposa de Cristo. Espere com calma que tudo se arrumará.

As coisas se arrumaram mais depressa do que esperava até a própria Carmen.

Com seu talento de psicólogo, o Padre Governa convenceu Paulo que, embora chateado, renunciou à felicidade de esposar Carmen.

Procurou logo fazer amizade com o casal, pais de Carmen, e, depois, um dia recriminou-lhes seriamente a cegueira e o orgulho por preferirem sacrificar a vocação de sua filha para fazer um rico casamento. O Sr. José e D. Francisca respeitaram e acataram de boa fé as palavras do Padre e não mais quiseram se opor à vontade de Deus.

Com diferença de poucos meses, Carmen voltava a falar com seu pai na mesma sala de antes. Porém...

– Carmen, de modo algum queremos fazê-la infeliz. Nosso desejo é vê-la feliz e que se cumpram em você os amorosos desígnios do Céu. Deus prolongará nossa família pelos outros filhos. Ele nos deu, justo é que nos peça até todos se quiser, pois nós criamos vocês para Deus e não podemos roubar egoisticamente. Se você quer, aí tem nosso consentimento e nossa bênção.

Carmen, recebendo a bênção dos pais e a tão desejada liberdade para se consagrar a Deus na vida religiosa, sentiu-se infinitamente feliz. Agora sim, podia entregar-se a seus ideais sem nenhum escrúpulo de estar fazendo só a sua vontade.

E agora? Que rumo tomar? Em Manresa, havia duas Congregações. Qual delas escolher?...



10

Da beleza até Deus

“De tua beleza se encantará o rei: ele é teu Senhor, inclina-te diante dele” (Sl 44,22).

Ser mãe é, como diz o poeta, “desdobrar fibra por fibra” o pobre coração... Ser mãe é ser tudo. Mas, a religiosa deixa de ser mãe? Recalca ela os sublimes instintos da maternidade? Oh! Não! Ela os sublima e os conduz a um ideal mais belo, mais digno: gera filhos espirituais nas suas longas horas de prece e de apostolado, conservando-se livre para se ofertar ao Ser Onipotente, que fez o corpo da mulher tão perfeito para a maternidade.

A vida religiosa congrega mulheres heroínas, mártires que, no altar da castidade, da pobreza e da obediência oferecem ao Divino Cordeiro uma vida cheia de paz, de alegria, de otimismo sadio. (Seja dito entre parênteses: a vida religiosa é assim para as pessoas que entram nela conscientes de que seu lema deve ser: esforçar-se sempre para alcançar o fim almejado: a santificação

própria e ser uma autêntica testemunha do verdadeiro cristão, para a maior glória de Deus).

Carmen sabia tudo isso. Ela não desconhecia as vantagens do matrimônio, nem se iludia, sabendo que a vida religiosa tem seus momentos difíceis, suas encruzilhadas, sua cruz.

Carmen está livre. Paulo, conformado, procura apaixonar-se por outra jovem capaz de fazê-lo esquecer seu primeiro amor.

Porém, resta uma dúvida.



Onde me quer Deus? 11

“São eles que acompanham o Cordeiro por onde quer que vá, resgatado entre os homens, como primícias oferecidas a Deus e ao Cordeiro” (Apoc 14,4)

Jamais lhe passaria pela cabeça que Deus, na sua sabedoria infinita, iria forjá-la, burilando-a aos poucos para que ela se tornasse uma fundadora...

Carmen, com vinte e um anos – na primavera da vida, como costumamos dizer – apenas tinha um ideal: servir a Deus como religiosa.

– Padre, diz ela ao P. Governa, quero ser religiosa, mas não sei onde devo ir. Carmelita? Não sei se tenho vocação para a clausura...

E o Pe. Governa que tinha muito interesse pela Congregação das Adoratrizes, encaminhou-a para lá, deixando-lhe, porém, inteira liberdade. Esse convento estava situado em Gracia, perto de Barcelona. Pequeno povoado, de clima sadio. Do noviciado se avistava uma magnífica paisagem. Um céu azul e sereno cobria a cidade, povoando a alma de Carmen um pouco emotiva, de sonhos azuis também.

Seu pai a levou até Barcelona e, por mediação do Pe. Governá, sua entrada ficou decidida para o dia sete de maio. Notem: uns dez dias depois de haver desmanchado o noivado. Assim são os santos: resolutos, decididos, firmes; nada de espera no serviço de Deus.

Contentíssima, Carmen se prepara para o grande dia.

– Creio lhes ter trazido uma vocação de fibra, diz o Pe. Governá à Madre Superiora. Esta jovem com seu temperamento ardente, resoluta e a boa educação que teve será algo grande na vida.

– Nota-se no olhar franco e puro, disse a Priora.

– Veremos, veremos... Quem sabe? Deus deve ter esplêndidos desígnios sobre ela.

E os desígnios de Deus eram realmente esplêndidos: um luminar que daria à Igreja um novo exército que batalharia no campo materialista do século XX, prepararia o novo século e levaria muitos jovens a um ideal válido para a verdadeira felicidade.

Chegou o almejado dia sete. As portas do noviciado de Gracia se abrem para dar entrada a uma distinta jovem da sociedade manresana. Sua saída de Manresa foi mais ou menos em sigilo. O povo ainda estava cheio de espanto, sabendo que o jovem, partido tão almejado por todas as moças, fora rejeitado por Carmen. O povo não compreenderia tal resolução.

Lá está Carmen no noviciado. Alegria das noviças que recebem uma colega; e eram, ainda, tão poucas...

No princípio de agosto, dona Francisca e Sr. José recebem uma carta mais ou menos assim:

Pais queridos:

Com que alegria lhes escrevo esta carta. Ela tem a finalidade de lhes comunicar que, no dia vinte e dois de agosto, terei a felicidade imensa de receber o santo hábito. Como é natural, espero que todos de casa compareçam ao ato. Os senhores, pais queridos,

para me abençoarem uma vez mais e verem de perto a felicidade de sua filha. De fato, que felicidade se sente aqui! Superam-se as dificuldades de cada dia, com facilidade, pois Cristo age conosco. Nos momentos felizes que passo diante do Sacrário, não me esqueço de ninguém em casa: a todos tenho presente, pois aqui o amor à família não morre, mas torna-se cada vez mais forte, unido como está ao de Cristo Redentor.

Vinte e dois de agosto: nove horas. A capela do convento das Adoratrizes está magnificamente ornada: rosas brancas e vermelhas se entrelaçam num conjunto harmonioso. Amor, pureza – símbolo do oferecimento que Carmen fará a seu Deus e Senhor.

Às oito e trinta, o Sr. e Sra. Sallés e todos os irmãos de Carmen – Melchora bem interessada no ato, pois ela já sentia nascer em si a vocação para o Carmelo.

Após a Santa Missa, Carmen entra majestosamente na capela: seu longo vestido de noiva, seus cabelos sedosos refletiam mais ainda sua beleza.

Ao som da música e ao lado de sua mãe, ela vai direto ao altar. Todos a olham e não podem deixar de exclamar:

– Que linda!

E as cerimônias se sucedem: o lindo vestido branco trocado por um hábito simples, o perfume das vestes mundanas sacrificado por Cristo, seu futuro esposo.

A família se comove, chora, enquanto Carmen sorridente entra no claustro. Lá, ela vai se preparar para a imolação suprema:

“Prometo guardar para sempre castidade, obediência e pobreza nesta Congregação, na qual juro permanecer até a morte”.



12

Aqui, Deus não me quer

“Senhor, que quereis que eu faça?” (At 9,6)

No Natal de 1869, em conversa com a Madre Mestra, Carmen diz:

–Madre, sinto que Deus não me quer aqui. Amo esta vida tão santa, vejo o bem que me está fazendo o noviciado, mas quando penso que a vida inteira devo trabalhar com essas jovens desviadas do bom caminho... Madre, isso não me atrai.

(A finalidade do Instituto era receber as jovens desviadas e reeducá-las).

– Pois para isso é o noviciado, responde a Madre. Pense bem e antes de dar um passo em falso seja o suficientemente corajosa para enfrentar de novo o mundo.

– Mas, e a vontade de Deus?

– Ela se manifestará mesmo na mais tenebrosa escuridão. Medite, reze. E se, depois de tudo, persistir esta idéia, não tenha medo: volte ao mundo. Esteja certa, porém: Deus a quer

para seu serviço. Como? Não o vislumbramos ainda. Demos tempo ao tempo.

E o tempo foi dado: orações, mortificações, tudo para conhecer a vontade de Deus.

Quinze de novembro de 1870.

Quinze meses depois da tomada de hábito. Carmen se despede das Superiores de Gracia e das co-noviças e volta ao mundo. Conservava sua elegância no verdor dos seus vinte e dois anos.

Por que voltar a Manresa e lembrar, talvez, dias passados e o jovem que, agora, com mais razão, podia alimentar novas esperanças?

Fica, então em Barcelona. A Sra. Dolores, sua cunhada e seu irmão Francisco, a recebem com visível alegria e com a expansão característica dos espanhóis.

– “Carmencita, ¡qué bueno, qué bueno!”

– Dolores, se me permite, vou ficar aqui até que dê um rumo definitivo à minha vida. Não desisti da vida religiosa; ainda hei de ser esposa de Cristo.



13

A senhora é tão bonita!

“Eduquem-se as crianças, a fim de que não seja preciso punir os homens” (Pitágoras)

- Tia Carmen, vamos hoje fazer um passeio?
- Sim, vamos passar a tarde no campo.
- Que bom! Gritam três vezes ao mesmo tempo. Vamos passear com tia Carmen.
- E, rápidos como uma flecha, correm à sala de jantar, onde Dona Dolores preparava a mesa para o almoço.
- Mamãe, depois do almoço, tia Carmen vai passear conosco. Viva!
- Calma. Tia Carmen está cansada. Vocês não reparam como ela tem trabalhado estes dias na paróquia?
- Ah! Mamãe! Mas, ela disse que iria. É tão gostoso passear com a tia...
- Está bom, se ela quiser ir. Mas, não a cansem demais. Os três pequenos nem almoçam direito.
- Vamos lá, tia; mamãe já preparou o lanche.
- Às duas horas, o pequeno grupo sai de casa para um passeio. Carmen, jovem bondosa para os sobrinhos que a amam

muito, guia o pequeno grupo para um lugar fresco e agradável nos arredores de Barcelona. Era uma tarde muito bonita, própria para os pequenos se divertirem a valer.

De repente, um deles se volta e diz com os olhinhos negros e brilhantes:

– Olhem as Irmãzinhas!

A uma distância relativamente pequena, estavam algumas Irmãs Dominicanas que tinham uma casa em Barcelona. Uma das finalidades do seu Instituto era distrair e ensinar os filhos dos operários que não tinham onde deixar os seus filhos pequenos. Antes de ir ao trabalho, eles os levavam ao Instituto e à tardinha voltavam para procurá-los. Os pequenos se divertiam com uma bola, enquanto uma Irmã falava aos maiorzinhos.

Carmen sente um estremecimento ao ver aquela cena. Ela, sempre tão equilibrada em seus sentimentos, sente-se como que transportada e se vê no meio de jovencinhas a ensinar-lhes, a falar-lhes de Deus. E um pensamento imediato lhe vem: - e se eu me fizesse dominicana?

Mas, os sobrinhos não a deixam pensar:

– Vamos ver as Irmãzinhas?

E, sem esperar por ela, correm para o lugar onde está a criançada.

Carmen cumprimenta a Irmã e, enquanto os pequenos se divertem, conversa e se interessa pelo Instituto.

– Nossa fundação é relativamente nova, diz a Irmã. Iniciou-se em Santo Andrés de Palomar por iniciativa do Padre Francisco Coll. Hoje são nossos Superiores Gerais a Madre Santaeugenia, que é a Fundadora e Padre Cassamitjana, Diretor do Instituto. Tomo conta dos pequenos e me sinto muito feliz em poder dar glória a Deus e santificar-me, obedecendo aos Superiores.

E a prosa continua até que os pequenos advertem a Irmã que sua barriguinha já anuncia a hora do jantar.

Despedem-se cordialmente:

– Visite-nos algumas vezes, diz a Irmã.

– Com muito gosto. Reze por mim, sim? Diz Carmen.

E volta para casa com os sobrinhos que, contentíssimos, narram-lhe suas proezas junto dos “meninos da Irmã”, como eles chamam os pequenos do Instituto.

– Sabe, tia? Um deles falou que a senhora poderia ser Irmã também pra cuidar deles. A senhora é tão bonita!

– Ora, você tem cada uma! Para ser freira não precisa ser bonita; basta amar muito a Jesus, corrige-o amorosamente a tia Carmen.

– Eu não gosto de freiras feias... Elas são bravas!

– Bom, mas para quem é levado, é preciso ser brava, não é?...

– Mas, a senhora não é brava e nós lhe obedecemos.

– É mesmo! É que a senhora sabe corrigir.

E Carmen aproveitando:

– Vocês querem que eu vá ser freira?

– Só se for para ficar morando lá em casa...

– Bem, vocês vão dizer ao Menino Jesus, no dia de Natal, que ele dê um presente à tia.

– Que presente? Fala que o papai compra.

– Não. Só Jesus quem pode dar, Ele e sua Imaculada Mãe.

Vocês peçam e se Ele me der, vou dizer o que é depois do Natal.

E o tempo vai passando.

Vinte e cinco de dezembro...

Na casa de D. Dolores e Francisco há festas... alegria.

E Carmen, na igreja, diante da imagem da Virgem Maria, reza:

– Minha Mãe, dá-me a graça de conhecer a vontade do Senhor. Sinto que Ele me quer religiosa, pois tenho sede de horizontes infinitos, salvar almas, muitas almas.

E, depois de estar ali um bom tempo, Carmen se levanta decidida:

–Serei dominicana. Deus me quer aí.



Poucos são os operários

“Grande é a messe, mas poucos os operários. Rogai ao Senhor da messe que mande operários”. (Lc 10,1)

Aparece no tempo, maio de 1871. Na história, nada de novo acontece. Nos anais divinos, uma nota importantíssima: os últimos golpes de cinzel do Artista Divino e sairá de suas mãos uma obra excepcional, uma mártir de amor, uma guerrilheira de Maria.

E no dia oito de maio, vê-se Carmen, com passo firme, entrar no Noviciado das Dominicanas da Anunciata. Em agosto, professará os votos de pobreza, castidade e obediência. Mas, antes disso, noviça ainda:

– Irmã Carmen, Madre Santaeugenia a está chamando, no escritório.

Irmã Carmen deixa rapidamente o trabalho que tem em mãos e dirige-se ao escritório da Madre Geral. Entra. Toma-lhe

a bênção, respeitosa. A Madre indaga sobre sua saúde, disposição de espírito...

Vê-se que está satisfeita com as respostas. Ela sabe que a Irmã Carmen é de fibra, capaz de muito em todos os campos.

– Irmã Carmen, sabe que temos poucas religiosas; começo de fundação é sempre assim. Você gostaria de desfrutar de mais tempo do sossego e paz do noviciado, não é mesmo?

– Oh! Sim, Madre! Tenho grandes desejos de me preparar bem no noviciado.

– Sim, sim, compreendo. Mas... Deus lhe pede algo mais, Deus lhe pede o sacrifício de se pôr já em ação. Amanhã você irá para Tordellá. Confio na sua inteligência e discrição, sobretudo na sua confiança em Deus. Tordellá não vai muito bem: nem interna nem externamente. Você irá como diretora desse colégio e espero muito de você... Trabalhe, reze e confie em Deus; Ele fará tudo correr bem.

O coração da Irmã Carmen sobressaltou: *“Meu Deus, eu quero o que vós quereis!”*

Olhando, decididamente, a Madre:

– Madre, aqui estou. Vontade dos Superiores é vontade de Deus. Mande-me para onde quiser e eu, com toda confiança em Deus e na Virgem Imaculada, farei tudo o que estiver de minha parte para fazer jus a sua confiança.

– Deus a abençoe. Vá preparar suas coisas.

E, no dia seguinte, bem cedinho, a jovem Ir. Carmen parte para Tordellá. Em plena guerra civil (republicanos e monarquistas, carlistas e liberais lutam renhidamente).

Como era de se esperar, Ir. Carmen deu conta do recado.

Em agosto de 1871, Carmen emite os primeiros votos: *“Quero amar, servir e seguir este adorável Salvador!”* Com vinte e quatro anos, Carmen apresenta uma indiscutível maturidade humana e espiritual. Por isso os superiores resolvem enviá-la ao berço da Congregação: Santo Andrés de Palomar, onde o Instituto possuía duas casas: uma na povoação e outra fora do povoado.

Ali Carmen deixou impregnado o aroma de sua abnegação e de sua vida de oração.

Todos os dias, a jovem tirava o hábito e, vestida de secular, por causa da confusão e desordem social da I República, ia levar a seus pequenos alunos, na casa que estava fora do povoado, suas lições cheias de energia e doçura.

Ainda conservava o frescor da juventude e era de grande beleza; mas seu aspecto infundia tal respeito que, mesmo quando passava entre a soldadesca libertina, nenhum ousava mexer com ela, embora comentassem a beleza, a elegância e o respeito que aquela jovem que todas as manhãs passava pelas ruas principais de Santo Andrés, infundia.

Às duas da manhã, Ir. Carmen se levantava; na capela, conversava longo tempo com Jesus e se preparava para uma fervorosa comunhão sacramental e, quando esta não era possível, supria-a com uma fervente comunhão espiritual.

Depois, debruçada sobre os cadernos de seus alunos preparava-lhes as lições.

Eram já os fundamentos do futuro edifício que se ia edificando. O amor e o interesse pelas crianças e jovens foi sempre algo de especial em M. Carmen, que, por elas e para educá-las bem, não recusava nenhum sacrifício.

Três anos, Carmen passou em Santo Andrés; três anos impregnados de sacrifícios, renúncias e vida íntima com Deus. Os inúmeros trabalhos não a faziam perder o recolhimento, a presença de Deus, o amor à vida comunitária. Era comum as Irmãs comentarem:

– Que vida interior profunda tem Ir. Carmen! Causa-me uma santa inveja.

E os Superiores:

– Ir. Carmen atrai as bênçãos divinas sobre a Congregação. Tão jovem e tão equilibrada, tão cheia de Deus!

Mas, não pensemos que a vida de Ir. Carmen era um mar de rosas. Só quem conhece profundamente a alma huma-

na, quem sabe a que está sujeito um temperamento sensível como o de Carmen, sabe as lutas íntimas que ela atravessa e as dificuldades que se lhe deparam na vida religiosa, constituída de muitas alegrias, mas de pequenos e contínuos sacrifícios.

É que Carmen se preparava para a luta diária na oração. Seu lema: sorrir sempre, custe o que custar. E uma de suas preces:

– Senhor, devo sacrificar-me por todos; meus sofrimentos só tu os podes saber. Para minhas irmãs, para meu próximo, o meu sorriso sempre. Para ti, meu ser todo inteiro e para mim, cruzes, humilhações e dores.



15

Deixa-me agir!

“Toda dificuldade é uma luz” (Paul Valéry)

Pela janela do trem, Ir. Carmen contemplava, na natureza, as grandezas de Deus. Ela estava longe de imaginar que, bem logo, ela começaria a subir a encosta do monte Calvário e iria atingir o cume dezoito anos depois (em 1892), onde permaneceria até 1911, quando seu esposo a chamasse para os esponsais eternos.

– *Barcelona! Barcelona!* Os gritos do chefe da estação tiraram-na de seu meditar profundo, mas não da presença de Deus.

Prepara-se para descer do trem e encontra-se com uma Irmã que vem esperá-la para conduzi-la ao colégio.

Que alegria sente vendo uma sua Irmã de congregação! Cumprimentam-se e Carmen se dirige à sua nova vida.

Em Barcelona se entrega de corpo e alma à nobilíssima missão do ensino.

Se fosse possível captar as ondas sonoras através dos tempos e reproduzir algumas conversas das meninas e jovens empregadas (estas freqüentavam o curso noturno dado por Irmã Carmen) da rua Riera de São João, em Barcelona, nos anos de 1874 a 1883, poderíamos coletar interessantíssimas declarações.

Eis o grupo de meninas conversando no recreio:

– Como gosto da Ir. Carmen! Ela é tão boa...

– Eu, então, nem digo nada. Se eu for freira, serei como ela, isso eu garanto...

– O que sentimos por ela, todas nós – diz uma maior – é verdadeira adoração.

– Não é para menos, ela é tão alegre, tão simples...

– E quando zanga conosco? Dá vontade de ser boa, muito boa e nunca mais cometer aquela falta que a Ir. Carmen repreende na gente.

E iríamos longe, se fôssemos comentar tudo.

Prova palpável da atuação de Ir. Carmen entre as jovens foi o grande número de vocações que trouxe para a vida religiosa entre as empregadas das classes noturnas.

– É que as virtudes de Ir. Carmen eram tão evidentes que a gente sentia imensos desejos de abraçar uma vida onde há tais santos. Que bondade, que doçura, que energia e controle ela possuía!

Os Superiores Gerais estavam contentíssimos; não se podia negar que o Espírito Santo trabalhava intensamente naquela alma.

Um dia, porém, corre uma notícia alarmante no Colégio: Irmã Carmen está muito mal!

Que alvoroço entre as meninas que já haviam notado sua ausência, pois, sendo ela sacristã, antes de iniciar as aulas,

ia arrumar a capela; e lá estavam as meninas para quando ela passasse dar-lhe os “bons dias!”. Naquela manhã, Ir. Carmen não passara. Esperaram bastante tempo e nada! Bate o sino e uma Irmã pede-lhes orações para Ir. Carmen que está muito doente, às portas da morte. Nem precisava mais nada; Jesus ouviu súplicas todos os dias para curar a grave enfermidade de Ir. Carmen.

E, enquanto as alunas se revezavam na generosidade e ansiedade em querer curar a Ir. Carmen, esta dava exemplos de heróica virtude no leito de sofrimento e quase de morte. Heróica foi também a causa de sua enfermidade.

Foi no dia vinte e um de novembro – festa da Apresentação de Nossa Senhora, conhecida como Dia da Menina Maria. Como era um dia de festa, Ir. Carmen trabalhara mais que de costume. Já há dias sentia um pequeno mal-estar de que ela, como era natural nas pessoas de sua têmpera, não se queixara a ninguém. Naquele dia estava suando e cansada, quando a Madre Superiora a chama e diz:

– Ir. Carmen, você deve ir agora mesmo à cidade, para resolver aquele problema hoje mesmo.

Carmen não diz nada, embora sentisse um forte mal-estar, pois pensava que teria forças suficientes para superar aquela indisposição e, por Cristo, que se pode recusar?

Ao voltar, já bastante tarde, a superiora percebe que não está bem; mas Ir. Carmen ainda quer continuar firme, não quer deixar de dar aulas. Até que a Superiora a obriga a se deitar. E o médico diagnostica uma pneumonia aguda... Fica, então, vários dias entre a vida e a morte. Ela tem certeza de que quem a curou dessa enfermidade foi o Papa Pio IX, o Papa da Imaculada, a quem ela recorreu com grande confiança.

– Graças a Pio IX, hoje posso continuar trabalhando pela Imaculada.

E seu trabalho era intenso. Mas ela percebe que tinha possibilidades de fazer ainda mais. Bastava que os superiores lhe dessem maior liberdade para agir.

E nas horas a sós com Jesus, desabafava com Ele:

– Jesus, é preciso que tu dê um jeito. Eu posso fazer mais bem às almas e a Madre não permite. Tu sabes que eu quero o que tu queres e tua vontade é a de meus superiores; por isso, dá-me esta obediência de juízo tão necessária para sermos santas. E se é para tua glória e não satisfação minha, deixa-me agir!



16

Da antecâmara do céu...

*“Não é negando os problemas que se encontrarão as soluções”
(Teilhard de Chardin).*

A Madre Geral do Instituto e seu diretor estavam satisfeitos com os trabalhos de Irmã Carmen, tanto que acharam conveniente nomeá-la superiora da casa de Barcelona e assim o fizeram em 1883. Ir. Carmen substituiu, então, a Irmã Conceição Vila.

As meninas a amavam. Sua capacidade intelectual, os dotes de espírito e um jeito todo especial para instruir e educar fizeram com que logo a fama do Colégio se estendesse a toda Barcelona. Numerosíssimos pedidos de admissão obrigaram as dominicanas a comprar outra residência mais ampla.

A comunidade, constando de treze Religiosas, cada uma com seu temperamento peculiar, amava estremecidamente a Ir. Carmen.

Aparentemente, tudo um mar calmo, céu azul, feito de rosas...

A Madre Fundadora e, agora também Superiora Geral do Instituto, chamava o colégio de Barcelona “Torre de recreio, solar e descanso” e não deixava de reconhecer que tudo era obra de Deus, mas por meio da Ir. Carmen.

Motivo disso, sob o ponto de vista humano? Ir. Carmen.

Ir. Carmen esteve quase nove anos à frente da casa de Barcelona. Não lhe faltaram sofrimentos, é claro! A vida não pode deslizar sobre um campo por demais florido. A vida é luta, é um imenso campo de batalha...

Foram nove anos de preparação para aquela que iria reger uma nova Instituição.

Em fevereiro de 1892, por causas permitidas pelo Senhor, depois de muito sofrimento e incompreensões, Ir. Carmen, com três companheiras, deixou o Instituto das Dominicanas. Foram acolhidas na casa de ex-aluna e depois se estabeleceram na rua Puerta Ferrisa em Barcelona.

Deus se serviu do noviciado das adoratrices e dos anos passados com as dominicanas para moldar a Fundadora: com tudo o que ela recebeu e assimilou naqueles anos faria, depois, as normas que regeriam a nova família; e seu espírito, burilado conforme a vontade de Deus, no espírito de São Domingos, no amor à juventude, seria a sólida base de um novo edifício.

Assim que, com razão, disse um santo dominicano: “*Deus permitiu tudo isso, porque Ele pretendia fazer da Ir. Carmen algo mais que uma simples religiosa*”.

Mas... os desígnios de Deus são, às vezes, tão escuros... tão difíceis de discernir...

Assim, Ir. Carmen, Ir. Remédios, Ir. Candelária e Ir. Emília ficaram algum tempo em Barcelona, unidas por uma sólida amizade, levando vida comunitária e dando vida a um pequeno Colégio chamado Colégio Nossa Senhora de Lourdes, como meio de subsistência e para enxergar a vontade de Deus sobre elas.

Mas, com o passar dos dias, viram que era melhor procurar outro meio de vida.

E, um dia, em conversa, Ir. Carmen diz:

– Pois é, Irmãs, temos que tomar outro rumo.

– E para onde iremos, Madre?

– Sabem, vamos para Málaga. Melhor, para Antequera. Lá há um convento onde, tenho certeza, nos receberão. Descansemos um pouco. No silêncio e no recolhimento, pensemos.

– Está certo. Não se resolve assim uma situação difícil como a nossa, diz uma das Irmãs.

E lá se foram as quatro para o Convento da Vitória, berço do Instituto das Terciárias Franciscanas dos Sagrados Corações, em Antequera, onde a Me. Carmen do Menino Jesus as acolhe com carinho fraternal.

– Sabem quem muito nos pode ajudar? O Padre Celestino Pazos, agora residente em Madri. Ele foi pároco em Vic e o conheço muito. Zeloso, prudente. Atualmente temos que nos orientar. Deus quer que nos sirvamos das criaturas para penetrarmos nos seus desígnios.

– Ótimo, ótimo! E se a Irmã Emília e eu ficássemos aqui e a senhora com a Ir. Candelária fossem a Madri?

– Boa idéia. Não adianta as quatro ficarmos num só lugar sem nos movimentarmos. As senhoras rezem e trabalhem... Iremos a Madri e lá, quem sabe? resolveremos algo.

E enquanto Ir. Remédios e Emília desfrutavam da paz e tranqüilidade da vida do convento, na estação de Madri...

– Senhor motorista, por favor: não conhecemos ninguém. Leve-nos a uma casa de alguma boa família para passarmos esta noite.

– Pois não, minhas senhoras. Não se preocupem.

E o carro as conduziu à rua das Hileras. Enquanto Ir. Candelária paga, Ir. Carmen olha a rua, a casa...

– Mas, senhor, como vamos passar aqui a noite?!

– Senhoras, é o único lugar que conheço bem e onde qualquer um pode passar a noite tranqüilamente...

Deixam, então, a bagagem e com o mesmo motorista vão ao correio, aonde Ir. Carmen passa um telegrama para seu irmão Luís, em Segóvia.

E esperaram no correio mesmo a resposta de Luís, o irmão de M. Carmen.

– “Telegrama para Carmen Sallés! Telegrama para Carmen Sallés!”.

“Espere-me. Chegarei dentro de algumas horas. Luís Sallés”

È bem à noitinha, chega o Sr. Luís que não concorda muito com a hospedaria, mas só por uma noite...tudo bem!

Na manhã seguinte, vão se encontrar com José, outro irmão de Ir. Carmen, professor. Depois das primeiras expansões entre os irmãos, José lhes propôs:

– Conheço uma senhora viúva, muito boa, que mora com duas filhas. Creio que ali vocês estarão bem. Assim como pensionistas.

– Ótimo! Enquanto providenciamos algo para nosso futuro.

– Não podemos esperar que Deus nos escreva uma carta de próprio punho. Temos que agir, confiando em sua Providência.



Deus escreve certo por linhas tortas

“La vocación es como un itinerario con señales de pista...”

La vocación es una amistad.”

– Ir. Candelária, hoje vamos visitar e conversar um pouco com Pe. Celestino de Pazos...

E as duas se dirigem à igreja de Calatravas, onde o Pe. Celestino, diariamente, celebrava missa.

Era de manhã...

O Pe. Celestino acolheu-as bondosamente. Conhecedor da dolorosa situação em que elas se encontravam, sua prudência, seu profundo conhecimento da vida e a caridade que lhe movia as ações tornaram-no hábil instrumento nas mãos do Senhor.

Orientar almas tão profundamente vividas não é obra de um dia.

E o Pe. Celestino esperou. Mandou que voltassem a falar com ele sempre que necessitassem.

Ir. Carmen ia, desde então, confessar-se e expôs-lhe, uma vez, seus desejos de entrar para um convento de clausura.

– Não, Irmã. Nem pense tal. A senhora não tem vocação para a clausura. Seus dotes de espírito, os talentos que o Senhor lhe deu são para o apostolado, tão necessário hoje na Igreja.

– Mas, Padre, sinto tanta vontade de me encerrar num convento, longe do barulho do mundo, a sós com Deus, oferecendo-me pelas almas...

– Na realidade, o que Deus quer da senhora é algo mais. Só por algo muito grande é que se explica a força que Ele lhe deu para superar tanto sofrimento. Clausura? Não. Ele lhe pede algo mais. Prepare-se para o que der e vier.

– Eu não vejo nada claro. Estou exausta, Padre, de lutar comigo mesma. Quero descansar meu espírito, viver no silêncio, na solidão.

– Deus a quer na luta; soldado, não desertor. A Igreja precisa de pessoas corajosas, que já enfrentaram dificuldades, pois são estas que compreenderão melhor o sofrimento e as lutas dos outros. E a Igreja é o mundo todo.

Silenciosas, Ir. Carmen e Ir. Candelária regressam à casa. É tão enigmática a Providência divina...

Quarenta e quatro anos de vida. Já está na hora de decidir algo concreto. As colegas, as amigas todas já trilham, um caminho seguro. Meu Deus! Onde me meti eu? Onde me levais Vós?

Um outro dia...

Ir. Carmen rezava na igreja. Rezava? Chorava? Ou apenas se deixava estar à mercê da vontade de Deus.

Enquanto isso, Ir. Candelária conversava com o Pe. Celestino e no meio da conversa:

– Pois olhe, Padre, é esta a vontade de Deus.

– Esta, qual?

– Deus ama muito a Ir. Carmen e quer levá-la a Burgos e por meio do senhor e do Arcebispo de lá torná-la de grande utilidade à Igreja.

O Padre reflete. Realmente, há algum que ele também estava cogitando em propor à Ir. Carmen uma fundação. Mas, uma fundação não é brinquedo, não é tão fácil assim...

– Ir. Candelária, chame a Ir. Carmen!

E o Padre Celestino pensa num modo de adoçar um pouco as exigências de Deus.

– Irmãs, vamos ao escritório. Lá conversaremos melhor.

E no escritório:

– Ir. Carmen, Deus quer que a senhora e suas outras companheiras iniciem para Ele uma obra de grandíssima necessidade hoje em sua Igreja. A nossa juventude se perde por falta de orientação. Ele quer que a senhora seja a fundadora de uma comunidade dedicada ao apostolado entre os jovens...

– Padre, o senhor não sabe o que fala. Eu, fundadora?! Eu que, superiora de uma comunidade, sofri tanto até não agüentar mais, eu vou ser tão louca de me colocar à frente de um Instituto todo inteiro? Não só de uma casa, mas de cinco, dez, vinte? Padre, perdoe-me; eu ainda estou em meu perfeito juízo.

O Padre Celestino nada diz. Deixa que ela desabafe todo o seu natural pavor ante uma situação nova para ela. Jamais em

sua humildade imaginou fundar, no seio da Igreja, uma nova família religiosa.

Depois que a vê mais calma:

– Irmã, esta é a vontade de Deus. Medite nela e volte amanhã para falar comigo. Conheço muito o arcebispo de Burgos, ele pode ser uma grande ajuda.

Ir. Carmen se dirige à igreja. Lá está ela – a Virgem Imaculada – a única capaz de resolver-lhe todos os problemas.

– Mãe que eu veja!... E vendo qual é a vontade de Deus, mesmo sangrando eu não tenha medo de dizer sim. Mãe, eis-me aqui a seu dispor!



18

Ele triunfou...

“Pai, se é de teu agrado, afasta de mim este cálice! Não se faça, porém, a minha vontade, mas a tua!” (Lc 22,42).

– Padre, é vontade de Deus! Iremos onde Ele nos quer! O padre se calou. A generosidade das grandes almas é tão digna de respeito que o falar poderia manchar-lhe a decisão. Enfrentar uma fundação quem sofreu horrores na direção de uma só casa religiosa?... Enviar novos convites às mesmas pessoas de quem já se os recebeu de volta com uma palavra de desprezo é sinal de grande amizade e de nobreza de caráter.

E...

– Ir. Carmen, Deus proverá. Fique certa disso. Mande chamar as duas que ficaram em Antequera e, enquanto elas vêm, vamos tratar tudo com Dom Manuel. E, enquanto isso, rezemos.

No íntimo de seu coração, Ir. Carmen não pode senão repetir: *“Senhor o que tu quiseres, eu o amo!”*



É bom ficar aqui!

“Todo aquele que por minha causa deixar tudo receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna” (Mt 19,29).

– Irmã Emília, a Irmã Candelária está aí e quer que vamos para Madri...

– Ah! Mas estamos tão bem aqui! Agora que já acostumamos a esta vida sossegada de oração e de trabalho...

– Também me custa sair daqui. Estamos tão bem!... Estas religiosas são tão boas!

– E o que vamos fazer em Madri?

Não sei bem ao certo. A Ir. Candelária chegou agora mesmo. Vamos lá para que ela nos explique tudo.

– A Irmã Carmen veio?

– Não, ela ficou em Madri, esperando-nos.

– Bendito seja Deus! exclama a Ir. Remédios. Que seja tudo para sua maior glória. Graças a Ele temos saúde e forças para utilizar no Seu serviço.

E vão ao encontro da Ir. Candelária.

– E então, Irmã? Quer nos levar, hein!?

– Sim. Deus, que nos uniu na hora do sofrimento, quer também nos unir na hora de tomar uma decisão de capital importância para a Igreja e para nós, é lógico!

– Qual?!

Em rápidas palavras, a Ir. Candelária lhes expôs os planos do Padre Celestino, isto é, os planos de Deus.

– E o Sr. Luís, irmão da Ir. Carmen, não quer que seja Burgos o lugar da fundação... Também para isso, a Ir. Carmen quer a opinião das senhoras. E depois, mãos à obra.

– Bom, vontade de Deus não se discute. Quando partimos?

– Amanhã mesmo. Urge tomar providências o mais rápido possível.

E no dia seguinte, a caminho de Antequera a Madri, três senhoritas maduras, embora conscientes do passo que vão dar, não podem prever tudo que se lhes sucederá aqui na terra até que uma a uma vão se reunindo lá no céu.

Vão cheias de otimismo, de boa vontade e, sobretudo, de grande amor a Deus, aos irmãos e grande união entre elas: uma amizade verdadeira que impulsiona para o bem, em busca do ideal.

E chegam a Madri, cansadíssimas, mas dispostas e enfrentar tudo por Cristo, em Cristo, pelas almas.

Depois de matarem as saudades num carinhoso abraço, reúnem-se para juntas deliberarem sobre um assunto de tanta transcendência para o futuro.

E, por fim:

– Bem, Irmãs, então, resolvido: aconteça o que acontecer, vamos a Burgos.

E... quase em seguida...

Coincidência? Ou Providência divina? Telegrama para Ir. Carmen Sallés:

“Venham logo. Casa Santander, 12. Bênção paternal e apostólica. Manuel Salazar, arcebispo”.



20

Em marcha, outra vez

“Eis que vos envio. Não leveis coisa alguma para o caminho”

(Lc 9,3)

– Graças a Deus que temos pouca coisa para empacotar. Já pensou se tivéssemos algo mais do que o necessário, quantos pacotes teríamos que levar?

– É bom ser pobre. Sobretudo quando se o é por amor a Cristo e como Ele que não tinha nem onde repousar a cabeça, retruca a Ir. Carmen.

– Bem, saindo daqui amanhã à noite, lá pelas dez horas do dia quinze (de outubro) – dia da grande Santa Teresa – chegaremos a Burgos. Participaremos da Santa Missa e depois apresentar-nos-emos ao Senhor Arcebispo, não é Ir. Carmen?

– Mas, Irmãs, diz a moça da casa onde se achavam hospedadas, já partem amanhã? E não vamos nos encontrar mais?

– Quem sabe, filha, Deus ainda nos reúna outras vezes. Seus desígnios são tão misteriosos.

– Ah! Irmã! Que pena! Estávamos tão bem aqui com as senhoras!

– Deus nos chama. Temos que ir. Se algum dia você sentir que Ele a chama também, seja generosa e não duvide em segui-Lo.

– Reze por nós, Irmã Carmen, diz a moça. Se precisar de alguma ajuda, pode me chamar. Quer que eu desça esses pacotes?

– Sim. Obrigada! Vamos despachar esses maiores e só levaremos conosco o essencial. Graças a Deus, tudo em ordem. Amanhã, sob a proteção da Virgem do Rosário, em cujo mês estamos, partiremos para um novo destino. Por Deus, pela Igreja e com a Igreja é o único que nos deve mover.

E aos pés da Virgem Imaculada, as quatro pioneiras fazem uma súplica fervente de fé e disponibilidade à ação divina.

“Mãe, tudo o que Deus quiser”.

E o dia quatorze amanhece sem nenhuma diferença, sem nada de anormal. Quatro passageiras tomam o trem que as conduzirá de Madri a Burgos. Guardam uma aparência jovial, embora se veja bem que já devem ter “dobrado a esquina”, como se diz popularmente. Mas, na realidade “dobraram a esquina” da dedicação aos outros, do interesse pela juventude, por suas almas e deixam atrás de si as possibilidades de uma vida cômoda, sem preocupações, sem trabalhos exaustivos.

“Burgos!... Burgos!...”

Elas descem. Dirigem-se à catedral e, depois de haverem recebido Aquele que é o Pão da vida, tornam-se ainda mais fortes para aceitar generosamente o que der e vier pela causa de Cristo.

Atto contínuo, ao palácio episcopal. Que delicadezas do Senhor! No palácio, aguardavam-nas, com paternal solicitude, o arcebispo Dom Manuel Gómez Salazar Lucio y Villegas, seu secretário Pe. Miguel Castillo e algumas famílias que lhes apresentaram as boas-vindas, em nome da cidade.

Depois de uma breve, mas amistosa conversa, pela qual os presentes já puderam se assegurar da profunda vida interior e também da cultura e excelentes dotes pedagógicos de Ir. Carmen, as viajantes se levantaram para se despedirem.

E o Senhor Arcebispo:

– Oh! Não, Irmãs. As senhoras vão almoçar aqui comigo hoje. Depois irão para sua casinha. Pois, o que irão comer lá?

– Senhor Arcebispo, diz Ir. Carmen. Agradecemos-lhe de coração; mas, creia-nos, causa-nos imenso prazer almoçar pela primeira vez em nossa casa. Hoje, dia da grande Santa Teresa, queremos celebrar em nossa reduzida comunidade o início de nosso trabalho, ainda que não tenhamos nada para comer. Deus lhe pague, Senhor Arcebispo.

– Respeito o justo desejo das senhoras. Recebam, então, minha bênção apostólica.

Ajoelham-se e, comovidas, recebem a bênção de um pai e pastor, o qual, enquanto viver, providenciará tudo para que o novo Instituto se desenvolva.

E as corajosas partem.

Que exclamações de alegria ao entrar na casa da fundação, à rua Santander, 12.

E, que havia lá? Nada, absolutamente nada. Só as paredes limpas, sem nenhum móvel. Que fazer?

– Ora essa! diz uma delas; quando se tem fome improvisa-se qualquer coisa e quando o sono chegar, o chão é a melhor cama, porque não há perigo de cair.

Ir. Carmen propõe:

– Vamos agradecer a Deus que nos deu uma casa...

E uma oração chega ao céu como ato de louvor e de agradecimento.

Quando se tem fé em Deus, quando se sabe ver Deus em todas as coisas e acontecimentos, como é bom viver!

Como nossas irmãzinhas desfrutaram, nos primeiros dias, sem móveis, sem nada: dormiam sobre algumas palhas

que encontraram num quarto; improvisaram panelas para cozinhar... e por tudo se lembravam de agradecer a Deus sua esplêndida generosidade.

E as cenas engraçadas que, às vezes, aconteciam? Não esqueçamos que as quatro falavam catalão (língua própria da Catalunha) e meio incorretamente o castelhano. Ora, a porteira não as entendia e fazia a maior confusão com os recados. Ótimas ocasiões para exercitarem a paciência e dar vazão ao bom humor.

Até que puseram tudo em ordem!...

Chegaram as bagagens de Madri: roupas de cama e alguns móveis e tudo se foi arrumando decentemente, embora muito pobremente. E, sobretudo, iam-se arrumando as bases do soberbo edifício: Congregação das Religiosas Concepcionistas Missionárias do Ensino.

Ir. Carmen e suas companheiras preparavam-se para começar o seu trabalho.

Nessa preparação, na prática da penitência, na oração, no exercício das virtudes passaram outubro, novembro e os primeiros dias de dezembro. Tudo pobre, tudo! Porém, respirando generosidade, amor.

O povo simpatizou-se rapidamente com as “monjitas”, como eles falavam e todos admiravam a simpatia e a jovialidade que elas irradiavam.

Dom Manuel, contentíssimo em ter em sua diocese tão excelentes Religiosas, não duvidou em lhes conceder, em documento escrito, licença para constituírem uma comunidade, dedicada ao apostolado do ensino entre a juventude, sob a direção de irmã Carmen Sallés, nomeada Superiora Geral do Instituto.

Era sete de dezembro de 1892.



21

Pelos sofrimentos e injúrias, obrigado!

*“Bem-aventurados vós que agora chorais,
porque vos alegrareis” (Lc 6,21)*

8 de dezembro.

Festa da Imaculada Conceição. Na igreja, flores e luzes. No coração da Virgem Imaculada o mais vivo amor pela humanidade, remida pelo sangue de seu Filho.

Na rua Santander, nº 12, quatro joviais corações e mais um – o da Irmã Dominga Eustáquia Ramos, enviada pelo Pe. Celestino Pazos para a jovem congregação - pulsam com mais veemência e deixam brotar espontaneamente oração de agradecimento e louvor:

Obrigada, Senhor, pelos sofrimentos e tribulações que passamos!

Obrigada pelas ingratidões e maus tratos, pelas injustiças!

Obrigada pelas incompreensões, pelo aparente fracasso!

Obrigada pela alegria que hoje nos proporcionas, pela ventura de iniciar uma aventura divina!

Obrigada por podermos servir a Virgem Imaculada por sermos capazes de trabalhar por ti!

Obrigada pela honra de te possuir como esposo!

Obrigada, Senhor, mil vezes obrigada!!

E as Irmãs, já constituídas canonicamente – cinco membros – vestidas de hábito branco, véu e escapulário azuis, dirigem-se á catedral, onde participam da Santa Missa, comungam e se entregam confiantemente nas mãos d’Aquela Mãe por excelência, Maria Imaculada.

Oito de dezembro de 1892.

A Congregação das Religiosas Concepcionistas Missionárias do Ensino lança as primeiras sementes de um apostolado que se tornaria cada vez mais fecundo no decorrer dos anos.

Festa na Igreja.

Festa no Céu.

Festa nos corações generosos das Irmãs Carmen Sallés, Candelária Boleda, Remédios Pujals e Emília Horta.



Juventude, teu nome é beleza...

“Amar é reconhecer a existência dos outros” (Pe. Gleason).

– Irmã Carmen, as senhoras têm uma vaga para matricular minha filhinha na segunda série? Ela não se conforma de não estudar no Colégio da Imaculada.

– Quanto sinto, meu senhor! Mas, veja: as salas são pequenas e estão repletas. Não dá mesmo. Pois o senhor compreenderá que, não havendo local bem adaptado e mesmo confortável, impossível que as meninas se sintam bem na escola e se esforcem para progredir.

Mas, o pai não se conformava:

– Ah! Irmã! Veja se dá um jeitinho. Ela quer tanto, tanto vir a seu colégio.

– Por enquanto, impossível. Mas, estamos providenciando a instalação do colégio em uma casa maior, pois são inúmeros

os pedidos de matrículas a que não podemos atender por falta de lugar. Assim que estivermos em condição, avisá-lo-ei.

– E quando poderei contar com isso? Se quiser minha ajuda em algo...

– Vamos ver se ultimamos os trâmites da aquisição daquela casa na rua de la Puebla... Conhece?

– Ah! Sim. Lá é bem maior do que aqui.

– Então. Com a graça de Deus tudo se arrumará. Não temos dinheiro, mas temos a proteção visível da Mãe dos pobres: a Virgem Imaculada. Não temos material, mas temos a Providência Divina sempre alerta às menores necessidades de seus filhos. Falta-nos o material didático bem aparelhado, mas não nos falta o amor às crianças, o zelo por suas almas e um desejo grande de ser luz e guia para sua inteligência, de modo a conduzi-las, através da ciência, até Aquele que dá inteligência e luz.

– Madre, conte comigo para o que precisar. E agora não é só a minha Lucinha que quer vir para o seu colégio, sou eu que quero que ela venha e trarei também minhas outras duas meninas para que encontrem aqui instrução e educação. Não se esqueça de mim, hein Irmã?

E o senhor se despede, cheio de admiração e respeito por uma pessoa tão delicada e culta e, ainda mais, de uma fé tão profunda.

E Ir. Carmen vê a urgência de mudar para um local maior, onde pudessem receber mais alunas. Mas, como fazer para atender a tantas alunas? Todas estavam sobrecarregadas de serviço... Não dava para mais. Porém, como deixar de atender a estas almas, sedentas de saber, com as quais se pode trabalhar tão bem, incutindo-lhes o amor à Santíssima Virgem, o ideal de pureza e de correspondência à graça?

“Deus proverá”, é a fé e a confiança ilimitada de Ir. Carmen. A oração, a meditação diária fazem-na cada vez mais confiante e entregue à vontade de Deus.

– Madre, está aí uma jovem que quer falar com a senhora. E ela se levanta pressurosa para atender aquela jovem a quem talvez não possa satisfazer.

– A senhora é a Irmã Carmen?

– Sim. Como me conhece?

– Venho por indicação do Padre... Ele me orientava na escolha de um Instituto religioso e aconselhou-me a procurá-la e tornar-me uma religiosa de sua Congregação. E vejo que ele não se enganou, quando me falou da senhora.

– Você quer mesmo ser religiosa? Sabe que nosso Instituto está começando agora e passa por muitas dificuldades em todo sentido?

– Madre, estou disposta a tudo.

– Bem. Já teremos tempo de conversar mais vezes. Volte, filha, dentro de alguns dias e então poderemos combinar tudo. E que Deus a abençoe!

E a Ir. Carmen, dotada de fina psicologia (apesar de só mais tarde é que os estudos da psicologia alcançaram um notável progresso), não perde oportunidade de, em conversas, conhecer o caráter, as inclinações das pretendentes a ingressar no Instituto.

Observa-as, levando em consideração somente o bem da pessoa; tanto da própria candidata como daquelas com quem irá conviver ou educar.

O olhar profundo da Ir. Carmen não necessita de muito para, à primeira vista, discernir vocação de fogo de palha. E uma prudência a toda prova, unida a uma bondade e doçura incomparáveis ajuda a selecionar bons elementos para a casa de Maria Imaculada.

Aquela enviada pelo Pároco era a segunda... Viriam outras...

E Irmã Carmen, agradecendo a Deus mais aquela vocação para o novo Instituto, volta a seu “escritório” onde continua a

redigir as Santas Constituições, baseadas no Santo Evangelho e também nos conhecimentos adquiridos na Congregação das dominicanas, em sua profunda psicologia, como se pode notar em vários capítulos, especialmente no dedicado à Madre Mestra (Cap. IX), dando-lhe algumas instruções para conhecer as jovens que ingressam no Instituto e apresentando uma lição sobre o psicossomatismo... Mas, psicologia unida a uma sensibilidade, carinho e delicadeza extraordinários e um espírito atual que se revela em muitas páginas daquelas Constituições.

Trabalho árduo, cheio de responsabilidade. A oração, a penitência, a confiança em Deus dão-lhe o necessário para não esmorecer. E as Santas Constituições vão sendo buriladas dia a dia. Inspira-se nas celebrações litúrgicas: Natal – Deus pobre, Deus que se humilha... A Virgem sempre pura... Quaresma: penitência, sacrifícios... obediência até à morte... Páscoa: Jesus ressuscita e com Ele nós ressuscitamos para uma glória sem fim... vida escatológica. “Completo em minha carne o que falta à paixão de Cristo”.

Cristo, cabeça do Corpo místico... a Igreja... a Congregação é da Igreja, na Igreja, pela Igreja; é também Corpo Místico de Maria.

E os meses vão se passando...

O colégio já funciona na rua de la Puebla, com muitas alunas.

Dominga Ramos, Concepción, Lourdes, Julianita e Gertrudes animam a garotada com sua alegria, seu carinho e sua dedicação. São jovens, entusiasmadas, cheias de ardor e de amor a Cristo e a Virgem Imaculada, que se preparam para receber o santo hábito.

“Juventude, teu nome é beleza,
Juventude, teu nome é amor...”

Julianita, então, é e sempre será “la pequeña” (a pequena) de Ir. Carmen. Conta só doze anos e, por especialíssimo privilégio do Sr. Bispo, entrou na Congregação.

É hora de recreio. Todas alegres, brincam e cantam, louvando a Deus, com os dons que lhes concedeu.

– Olhem, ótima notícia, diz Ir. Candelária. No próximo dia dezesseis deste (estão no mês de abril), domingo do Bom Pastor, a nossa Congregação começará, realmente, a existir no seio da Igreja. As Santas Constituições, escritas por Ir. Carmen, foram aprovadas pelo Sr. Bispo e neste dia a professaremos.

Todas, entusiasmadas, batem palmas e elevam ao Senhor um cântico de ação de graças. E Julianita, cheia de alegria:

– E nós também vamos professar?

– Não, intervém Ir. Carmen. Vocês ainda vão se preparar melhor para vestir o santo hábito primeiro. Mas, você tão pequena, não sei se agüentará o hábito.

– Mas, claro, Madre! Por amor de Deus – e eu O amo muito - e pela Virgem Imaculada como não vou agüentá-lo?

– Claro! Ele, que deu forças a um São Tarcísio, uma Santa Inês, dará forças a você também, “pequena”. E tem que ser uma santa, ouviu?

– Sim, Madre. Todas o seremos.

– Assim espero. Preparem-se bem e, em agosto, todas receberão o hábito. Ontem, mais três jovens pediram para serem admitidas na Congregação... Vamos ver: parece-me, então, que serão umas sete ou oito para vestirem o hábito. Como Deus é grandioso! Mas, estejamos prontas para a luta. E você, Julianita, vai se chamar Irmã Providência...

– Providência!?... Ah! É mesmo, Madre. Foi mesmo obra da Divina Providência aquela carta chegar às minhas mãos. Precisava ver minha alegria quando reconheci sua letra. Riam-se de mim. Eu pulava como louca... correspondi ao chamado de Deus.

– Não me esqueci de você. E parece-me que os planos de Deus eram bem esses: guardá-la para servi-Lo como esposa e filha predileta da Virgem Imaculada.

– Minha mãe está muito feliz. Quando voltou da França e viu aquela carta cheia de avisos, correções de endereço, sinais inumeráveis, nem queria acreditar que a carta pudesse ter chegado a seu destino. Mas, quando viu escrito embaixo do nome da capital “Confiada à Divina providência”, disse sem hesitar: “Este foi o único endereço que serviu. Você vai, filha, corresponda ao chamado da Irmã Carmen, porque essa é a vontade de Deus”.

– Então já sabe, diz-lhe sorrindo a Irmã Carmen, sempre e acima de tudo a vontade de Deus. Ele a quer santa de corpo inteiro.

– Hei de ser santa, madre.

E realmente o foi.

– Graças a Deus que estas jovens são alegres e cheias de amor, diz a Irmã Emília. Não sei como agüentam tantas dificuldades.

– Deus trata assim as almas que Ele ama, assegura a Ir. Carmen. E a Deus se entrega totalmente e com alegria. Ele também é generoso em nos pagar.

– Sim é o que espero. Nossa recompensa será grande no céu, porque na terra...

– Bem, enquanto Dom Manuel viver teremos um apoio espiritual, o que já é grande coisa.

– E o material também, atalha Irmã Candelária. Ontem o Pe. Miguel esteve aqui, mandado por ele, para ver de que nós precisávamos. Quando lhe disse que não necessitávamos de nada, ele logo disse: as senhoras são ricas, hein? Mas, quando entrou em todas as dependências e viu que precisávamos de tudo, saiu dizendo que nos mandaria algo, pois não somos puros espíritos para viver do nada.

– E tenho certeza de que nos mandará muita coisa. Como

o arcebispo é bom! E quanto nos quer! Para o dia dezesseis já me disse que vai nos mandar de seu almoço.

– Santo Fundador, nós temos.

– Graças a ele... Se ele nos faltar...

– Deus proverá, diz Irmã Carmen. O essencial é que façamos tudo de nossa parte para dar glória a Deus e salvar as almas. O resto Ele fará.



23

É o fim

“É preciso suportar as larvas para assistir à eclosão das borboletas” (Saint-Exupéry)

Treze de junho de 1893. Terça-feira. As alunas iam chegando para as aulas e recebiam o aviso: “Hoje não haverá aula, pois faleceu o Senhor Arcebispo Dom Manuel Gómez Salazar”.

As Irmãs todas se dirigem para a catedral onde o corpo está sendo velado. Morrera um santo, é verdade, e com ele terminou o período de paz que o recém-nascido Instituto gozava. Ele era o pai compreensivo, carinhoso... ainda que, antes de morrer, tivesse recomendado ao Pe. Miguel, seu secretário, o cuidado das Religiosas do “seu Instituto”, no entanto, tudo e todos se voltaram contra a pobre e indefesa Congregação.

Permissão de Deus... desígnios amorosos de sua incompreensível Providência.

Tudo se tornou pavorosamente difícil. Sacerdotes iam contra o Instituto e queriam que se dissolvesse.

O novo Bispo, Frei Gregório Maria Aguirre, embora sábio e santo, nada conseguiu em favor das pobres Religiosas.

O povo desconfiava das professoras, caçoavam das meninas... Irmã Carmen rezava e muitas vezes chorava aos pés da Imaculada.

– Mãe, aqui tens as tuas filhas. Senhor, o que tu quiseses... eu o amo.

– Por que você está chorando, pequena? O que aconteceu

– Eu não vou vir mais ao colégio, responde a pequenina chorando, porque falaram para o papai que as Irmãs não sabem ensinar... que só querem dinheiro...

– Não chore, bem. Diga a nossa Mãezinha do Céu que você quer estudar no colégio dela e se papai não puder pagar que não pague nada. Não faz mal. Nós não precisamos...

E duas garotas chegam correndo:

– Irmã! Irmã! Nós não vamos mais usar a faixa azul na rua, não!

– Por quê!?

– Ah! Irmã, todo mundo fica caçoando da gente! Falam que nós somos os generais da banda...

A Irmã se cala. Que adianta? Estão todos contra elas! Que fazer? Confiar. Rezar. Continuar trabalhando pelas almas... por Deus, só por Deus.

E não é isso o que mais dói. A dor é muito mais profunda quando o desprezo é proveniente de pessoas que nos deveriam ajudar.

Pobres Irmãs!

Mas, Irmã Carmen, mulher corajosa, porque amava a Deus e n'Ele centralizava todas as suas energias, procurava encorajar-se e encorajar as mais fracas, animar as mais pusilânimes e consolidar as mais suscetíveis. Ela agüentava sorridente e calava. Ouvia o que diziam dela com naturalidade, como se a estivessem elogiando. Ele sabe de tudo...

Senhor, por Ti e pela juventude.

Mas, houve momentos em que tudo parecia ir água abaixo. Irmã Carmen viu que, humanamente, não se podia fazer mais nada e, com o coração despedaçado de dor, reuniu as jovens postulantes em seu escritório e, com um sofrimento que se lhe notava na expressão do olhar, teve que dizer:

– Infelizmente, vocês têm que voltar às suas casas.

– Mas, Madre, por quê?! replica Irmã M. Hualde, então postulante. Eu não vou.

– Sim, tem que ir, porque a Congregação vai se desmanchar. Não podemos continuar...

A voz de Irmã Carmen ficou embargada.

E Irmã Maria continuou:

– Pois, Madre, aonde as senhoras forem, iremos também. Para casa, eu não vou.

Fazendo um esforço para falar com tranqüilidade, Irmã Carmen lhes diz:

– Continuem a rezar. Deus sabe melhor o que nos convém. Rezem. Peçam à Santíssima Virgem...

É. A vida é dura, às vezes. O coração, infelizmente, não é de bronze.

O melhor, porém, que se tem a fazer nesses momentos dolorosos é confiar na Sabedoria Eterna. O que é de Deus não desmorona com facilidade. E a Congregação não desmoronou. Quando o teto pesa demais o mais conveniente é abri-lo para o infinito, para que todo o céu entre em casa.

Irmã Carmen, com uma conformidade e paciência edificantes, procurava pôr – como se diz popularmente – “panos quentes”- perdoava e procurava esquecer.

– Olhe, dizia ela a Irmã Candelária, o que temos de evitar, sobretudo, são choques com nossas antigas Irmãs de hábito e com os sacerdotes, porque isso escandaliza os outros e nós, Religiosas, somos e devemos ser, na verdade, testemunhas de Cristo. Se Deus quer, o nosso Instituto sobreviverá...

– Há certas coisas que não dá para agüentar, Madre. Por

que calar? Temos que nos defender.

– Nossa defesa será Cristo. Ele nos justificará, se nossas ações são dignas de tal. Vamos continuar providenciando a fundação de Segóvia...

– Madre, com tantas oposições aqui, de toda parte, a senhora quer fundar em outros lugares!?

– A messe é grande e poucos os operários. Se Deus está conosco, nada temos a temer. Recebi uma carta de Dom José Herrero y Pozuelo, bispo da diocese, pedindo-nos uma fundação lá.

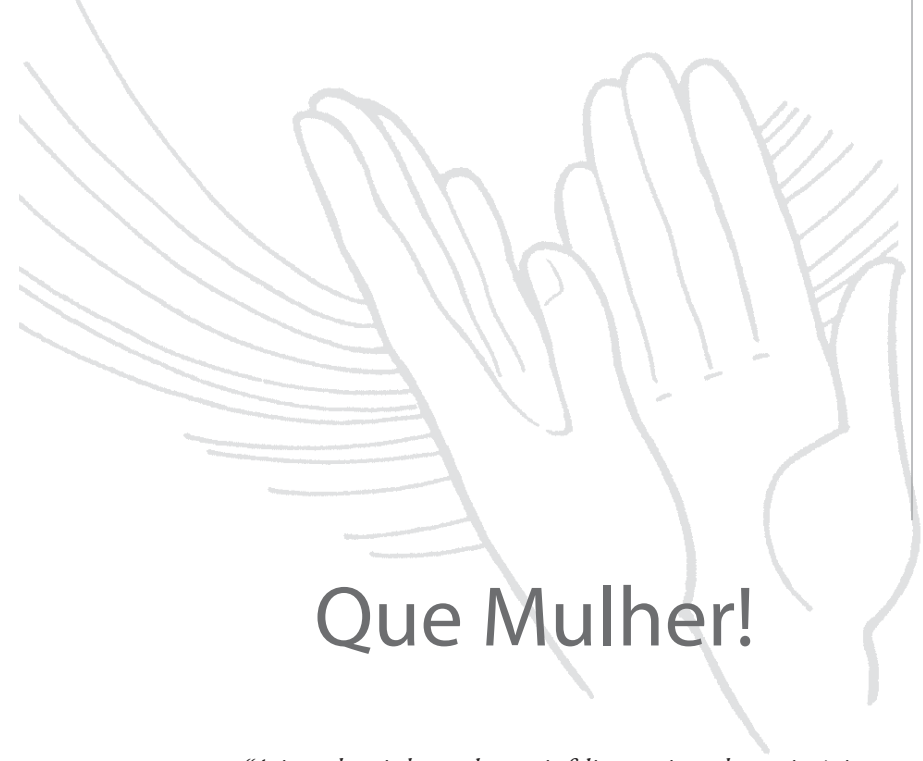
– Mas, Madre, seja prudente.

– A nossa prudência estará em atender o pedido tão justo de um pastor zeloso do bem de suas ovelhas, que vê a necessidade de colaboradoras para o ministério do ensino para a infância e a juventude. Como deixar em mãos de outros esta porção predileta do rebanho de Jesus?

– E de que pessoal pensa dispor, Madre? E se os nossos inimigos, sabendo desse plano, levarem até Segóvia suas intrigas e calúnias?

– Se Deus e a Virgem Santíssima estiverem contentes com nosso trabalho, se tudo fizermos para sua maior glória, os do mundo nada poderão contra nós. Acima de tudo, Deus e a Virgem Imaculada.

Iremos a Segóvia, depois a Madri, a Barcelona, ao norte, ao sul, à América, à Ásia, à África, ao mundo inteiro, porque Cristo e a Virgem agem conosco e nós agimos com Eles e por Eles. A messe é grande...



24

Que Mulher!

*“Acima de minhas palavras infelizes, acima dos raciocínios que podem me enganar, Tu consideras em mim simplesmente o Homem”
(Saint-Exupéry)*

– Filha, volto contente para casa, porque te deixo com uma santa. Que mulher! Que caráter firme e bondoso! Essa, sim, é religiosa. Seja assim e me orgulharei de tal filha.

E o pai, beijando a filha que, naquele instante, ingressava na Congregação das Concepcionistas, retirou-se da pequenina sala de visitas do colégio de Burgos, na companhia de dona Justina Ros de Marrodán que também viera trazer sua filha e uma sobrinha, para fazerem o noviciado.

– Realmente esta Irmã é uma santa. Em tudo se vê a santidade dela.

– Se tivéssemos outras tantas religiosas como ela... diz dona Justina.

– E que delicadeza no trato! Que finura e educação! Creia-me, senhora, custava-me deixar minha filha entrar no

convento. Eu tinha muitíssimas esperanças nela, mas também não quis me opor à vontade de Deus. Porém, ao ver que a deixo nas mãos desta Irmã, que, dá para ver, é prudente, bondosa, compreensiva, deixo-a felicíssimo.

– Eu já a conhecia de referência, aliás, todas excelentes, embora muitos inimigos de Irmã Carmen, ou melhor, amigos do demônio, tenham querido tirar o prestígio das Irmãs aqui em Burgos.

– Mas, pelo jeito, nada conseguiram. Não? Pois vi tantas alunas no colégio e pareciam muito contentes.

– Contentíssimas! As Religiosas são excelentes educadoras. Irmã Carmen, além de santa, é sábia. Seus dotes pedagógicos tornam seu colégio procuradíssimo. Bem, como eu dizia, já conhecia de referência a Irmã Carmen. Várias jovens que ingressaram na Congregação diziam: “Basta ver a Irmã Carmen para dar mais coragem e desejo de entrar na Congregação”. Mas ouvir não é ver. E, na verdade, posso dizer como elas: basta ver a Irmã Carmen para sentir que ela é santa.

– E, depois, que simplicidade e naturalidade! Fiquei edificado com a atitude desta Irmã...

E, enquanto os pais comentavam assim, o entusiasmo das filhas admitidas na Congregação não era menor.

Em Burgos, iam se preparar para a luta que logo deveriam enfrentar. Educar, ensinar não é tarefa fácil; é preciso muito amor, paciência e cultura.

Aquele alegre noviciado ia dar-lhes oportunidade de se irem preparando. Irmã Carmen, solícita, não perdia nenhuma ocasião de lhes inculcar um grandíssimo amor à Virgem Imaculada, confiança inabalável em Deus, piedade sólida e amor à juventude.



São ricas, hein?

“Quão difícil é entrarem no reino de Deus os que confiam nas riquezas” (Mc 10, 24)

– Irmã Concepción, a Madre a está chamando no escritório. Vá indo, enquanto eu aviso a quatro noviças que ela a está esperando também.

Ao entrar no escritório, Irmã Concepción sente o olhar penetrante da Irmã Carmen e, como de relance, percebe algo importante. Com carinho, a Madre lhe indica que se sente e sem rodeios:

– Vamos fundar outra casa em Segóvia, visto que ali só há um colégio religioso. Você é jovem, tem facilidade para trabalhar com as meninas... Assim, confiando na Santíssima Virgem, você irá para a fundação junto com a Irmã Remédios que será a Superiora. O que você acha?

– Madre, o que a senhora quiser. Para isso fiz voto de obediência. Tenho um pouco de medo, como não?

– Não se esqueça. O que fizermos por Deus e pela Santíssima Virgem só poderá ser abençoado e seu trabalho frutificará. É fundação. Pode prever o que as espera... Ânimo, coragem, confiança!

Irmã Concepción não consegue dizer nada. Quem já iniciou uma obra como esta pode imaginar o que supõe fundar um colégio. Irmã Carmen compreende sua luta. Com carinho de mãe, anima-a, mostra-lhe as exigências e as recompensas de um Esposo que morreu para que os homens vivessem.

E fazem os últimos preparativos. Partiriam naquela semana ainda. Irmã Carmen iria com elas e ali permaneceria até que tudo estivesse normalizado.

Hospedaram-se na casa de Luís, irmão de Irmã Carmen. E logo ela se apresentou ao Padre Julián Miranda, deão da catedral.

– Mas, Irmã, que loucura! Aqui não há vida para dois colégios, disse o Padre.

– Não venho a Segóvia para ganhar dinheiro; venho para ganhar almas. Só uma coisa quero saber: minhas Religiosas serão atendidas na parte espiritual?

– Bem, disto não se preocupe. Não lhes faltará nada, fique tranqüila.

– Então, de nada mais necessitamos. Deus providenciará o resto.

E cena quase idêntica se passa também com o bispo a quem a Irmã Carmen se apresenta. Esse a recebe satisfeitíssimo e lhe diz:

– Irmã, pode dizer tudo de que necessita que nós providenciaremos.

Mas, quem, em Burgos, não encontrou senão um punhado de palha, de que iria precisar agora?

Não se preocupe, Senhor Bispo. Agradeço-lhe. Não precisamos de nada. Só peço que o senhor nos dê uma bênção para mim e todas as minhas filhas e um bom confessor.

O bispo, estranhando aquele desprendimento e quase duvidando de que tão estranha, porém, feliz bagagem lhes era suficiente, não se conteve:

– As senhoras são assim tão ricas?

– Graças a Deus, não temos nada! Mas, sabemos nos conformar com o que o Senhor nos dá. A Divina Providência cuidará de nós.

E assim foi. Providencialmente tudo foi arrumado.

Na rua São Martin se estabeleceu o colégio, pobre, mas decente. Sob a proteção de São José, grande amigo da Irmã Carmen, foi inaugurado no dia oito de abril de 1894. Logo foi colocado, em grandes faixas:

“Colégio da Imaculada – matrículas abertas. Aulas iniciarão no dia 1º de maio”.

E no primeiro dia, as classes cheias de alunas começaram a funcionar.

Irmã Concepción e as quatro noviças ficaram tão sobrecarregadas que logo tiveram que vir de Burgos a Irmã Emilia e outra noviça.

Aquele clima saudável levou a Irmã Carmen a desejar transferir o noviciado de Burgos para Segóvia. Ali era mais amplo e as noviças poderiam se formar melhor tanto física como espiritual e intelectualmente.

E Irmã Carmen começou seus trâmites com o Senhor e a Virgem Imaculada, primeiros conselheiros dela. Depois que Eles aprovavam seus planos, então sim, expunha-os também à aprovação das criaturas humanas.

Mas, muitas lágrimas e suores lhe custaria realizar esse desejo...

As almas de fibra não desanimam: enfrentam os obstáculos e... os superam.



26

Na arena

*“Tu és eternamente responsável por aquilo que cativas”
(Saint-Exupéry)*

- Irmã Candelária, leia isto.
E passa-lhe uma carta com o selo do bispado de Madri.
Devolvendo-lhe a carta:
- Madre, é temerário dar um sim a este pedido.
- Irmã Candelária, considerou bem as razões que Dom José Maria expõe? Nós que nos propusemos espalhar o amor à Virgem Imaculada, temos aí um campo excelente. E não podemos deixar que outros cultivem o campo cujo arado está em nossas mãos. E só porque tememos as dificuldades? retruca Irmã Carmen com vivo ardor.
- É, o campo é propício. Temos que ir. El Escorial, além disso, é o panteão das glórias espanholas e não podemos deixar que o inimigo plante ali, sobre os túmulos dos gloriosos campeões da fé e cruzados do catolicismo.

– Sim, iremos. Vou responder hoje mesmo a Dom José que conte conosco. Aliás, Segóvia já está prosperando...

– Recebemos, ontem carta de Irmã Remédios. Tudo corre bem...

Mas, uma nuvem de tristeza cobre o olhar de Irmã Carmen. E ela sempre tão serena, tão equilibrada, não pode evitar que lhe corra uma lágrima e desabafa:

– Não compreendo, não entendo mesmo a atitude de Luís, meu irmão. É duro o meu modo de agir, mas ele não pode exigir de mim o que ele quer...

– É verdade que ele não tem esse direito, Madre, diz a Ir. Candelária, mas, na hora da dificuldade, os homens se esquecem da justiça.

– Mas, como eu vou dispor dos bens do colégio para o ajudar? De modo nenhum. Eu compreendo que a situação esteja difícil para ele; perdeu na fábrica de farinha e teve um prejuízo enorme; mas não é lícito dar-lhe os bens da comunidade.

– Ele compreenderá, Madre. Ele compreenderá, mais tarde, que a senhora agiu com justiça.

– Eu sofro com a situação dele, mas que posso fazer? Rezar e confiar que Deus lhe dê mais calma e conformidade.

– Madre, a questão do noviciado, será que conseguiremos?

– Não sei. Está difícil. Todos estão se opondo a que transfiramos o noviciado para Segóvia. As autoridades religiosas não querem dar a licença...

– Deus dará um jeito!

– Ele nunca falha, disto não duvido. Não nos faltou, nem faltará jamais... Bem, vou escrever a Dom José.



27

Embaixo ou em cima?

“É preciso crer obstinadamente no contágio do bem e do poder e da verdade” (Lebret)

– Que frio horroroso! Creio que há tempo não faz tanto frio como hoje, assegura a Ir. Candelária ao descer do trem que as levou até El Escorial.

– Prenúncios, talvez, de muitas dificuldades que aqui encontraremos. Oxalá nossos corações estejam ardendo de amor por Cristo, por Maria e pelas pessoas, diz Irmã Carmen.

– Isto é o essencial.

E as duas caminham em silêncio, com muito frio, pelas ruas até encontrarem um lugar onde passar a noite. A neve caía sem cessar... o frio intenso não deixava vontade nenhuma de conversar, mas Irmã Carmen ia, com o coração posto em Deus, imaginando já como poderiam fazer o bem naquela cidade.

No dia seguinte, bem de manhã, se dirigem à casa do pároco que as recebe como anjos caídos do céu.

– Oh! Irmãs, que alegria! Graças a Deus que vieram! Quantas noites tenho pedido a Deus que me enviasse colaboradoras para meu serviço. Podem dispor de minha casa todo o tempo de que precisarem.

– Muito obrigada, Sr. Padre. Mas, preferimos nos hospedar no Hospital das Servas de Maria; lá estaremos mais à vontade.

– Sim, sim. Como queiram. Saibam, porém, que aqui estarão em casa. Vamos tomar um cafezinho!

E enquanto conversavam, o padre as colocou a par do problema que ali existia: a deserção da Igreja Católica por influência das escolas não-católicas.

– Mas, Irmãs, o prefeito é muito católico e tenho certeza de que ele lhes dará todo o apoio.

E realmente. O prefeito Nicolas Serrano e o diretor da Escola de Montes, Pedro Ávila, ajudaram-nas com o máximo interesse e desvelo até que conseguiram um local apropriado para estabelecer o colégio.

Irmã Carmen alugou uma casa entre o El Escorial de Cima e de Baixo.

Marcaram a inauguração para o dezesseis de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo e as Irmãs voltaram a Burgos para providenciarem o necessário para a fundação.



Talher?...miolo de pão...

“Se chorares por haveres perdido o sol, as lágrimas impedirão que vejas as estrelas” (Tagore)

Vinte e quatro de junho de 1895.

Em Burgos, festa, alegria, num ambiente de fraternal carinho e amizade. Dia da profissão de várias noviças. Todas se desvelam em conservar um ambiente de felicidade. O almoço, embora pobre e simples, tinha naquele dia o peculiar sabor dos dias de festa: comida de pobres, mas alegria de ricos da graça de Deus.

No refeitório, naquela reunião verdadeiramente familiar, Irmã Carmen diz:

– Amanhã, se Deus quiser, iremos fundar um colégio em El Escorial.

Entusiasmadas, as jovens batem palmas e se oferecem jubilosas para participar desta obra tão importante – a expansão da Congregação.

Irmã Carmen lhes expõe os motivos da fundação. E o grupo se anima mais ainda.

– Por enquanto, iremos a Irmã Candelária, a Irmã Pura, você (diz, dirigindo a uma recém-professa) e eu. E as outras estarão presentes lá com sua oração e sacrifícios.

No dia seguinte, bem de manhãzinha, sai o ardoroso grupo.

Na casa, já em El Escorial, não encontram senão alguns móveis velhíssimos. E que fome elas tinham! E panelas para cozinhar? Nada!... Procuram pela casa e encontram latas vazias. Lavam-nas bem e que panela simpática e prática!

– Bem, e agora? Que vamos cozinhar? pergunta a Irmã.

A providência divina não falha. Batem à porta e uma senhora que, imaginando que as Irmãs não tinham nada, pergunta se necessitam de algo.

– Se a senhora nos quiser dar um pouco de sal e azeite... Temos pão, faremos uma sopa.

Aquela bondosa senhora lhes traz também umas batatas.

– Batatas! Que bom é o Senhor, exclama a Irmã Carmen.

E aquelas batatas de El Escorial ficaram célebres na Congregação. De vez em quando, a Irmã Carmen dizia à cozinheira:

– Hoje, faça-nos batatas como aquelas de El Escorial.

– E agora?! Com que a Madre vai tomar a sopa? pergunta a jovem religiosa toda aflita.

– Não se preocupe, responde Irmã Carmen, que compreende a aflição da recém-professa.

E pegando um pedaço de pão improvisam “colheres”. E como se divertem com a dificuldade de tomar sopa com colher de casca de pão... Como Nosso Senhor terá olhado com agrado cena tão pitoresca e tão agradável a seus olhos de esposo pobre...

E os dias foram passando, enquanto se procurava ir arrumando tudo.

– Mas, Madre, como Deus permite essas coisas? Com o tanto que precisamos das malas, e elas foram parar em Madri?!...

O chefe da estação pediu mil desculpas, mas não viu direito o endereço e...

– Que bom, filhas! Quem sabe isso é um prenúncio de que logo, logo fundaremos também em Madri. Deus sabe o que faz.

– Puxa, Madre! A senhora tudo vê com olhos de santa, diz uma empregada que ajuda no arranjo da casa. Ih! Se fosse minha mala já teria brigado até!

– E a mala teria voltado por isso? Ah! Quanto é melhor ver em tudo, até nos mínimos detalhes, a mão de Deus! Tudo se torna tão doce, tão suave... Deus é Pai e nos ama, estejamos sempre certas disso. São os grãos de areia que ajudam a fazer o alicerce dos grandes edifícios.



Nos tribunais

“Nada como a epopéia humana se parece tanto com a via-sacra” (Teilhard de Chardin)

– Madre, veio um ofício do Tribunal da Justiça exigindo nossa presença no fórum.

– Já previa isto. Deus seja bendito! A verdade será patente, se Ele assim o quiser.

– E, por que isso, Madre? Por que essa perseguição em El Escorial? Nada dá certo! Custaram a nos dar licença para iniciarmos as aulas... Agora toda essa atrapalhação por causa do prédio... Que horror!

– É duro, realmente. Mas, temos que passar por estas aflições. Cristo deu o exemplo. Que culpa Ele tinha ao ser condenado? E nós não chegaremos a tanto, tenho certeza. Vamos rezar. A Santíssima Virgem nos ajudará.

– Infelizmente é sempre a mesma coisa: o dinheiro. Maldito dinheiro! Vamos ver, por fim, o que resolvem. Se nem a

mãe e a filha (donas do imóvel) chegam a uma conclusão de como deve ficar o aluguel...

– Em que dia temos que comparecer ao Tribunal? pergunta Irmã Carmem.

– Não sei ao certo. Vou ver.

– Deixe, eu mesma vou. Espero que seja logo, porque tenho que voltar a Burgos... Tenho e devo voltar. Quem sabe se eu saindo essas Irmãs que me têm feito sofrer se acalmam...

– Madre, sinceramente, não sei como agüenta tanto.

– Cada vez mais me convenço, responde Irmã Carmen, de que a graça de Deus é infinitamente poderosa e que Ele não falha. Às vezes me custa muito; tenho que fazer um grande esforço para não julgar temerariamente... Eu não devia ter admitido aquela irmã... Avisaram-me de seu grande orgulho e ambição. Mas, tudo bem! Quero ajudá-la, quero que ela veja o mal que faz a si mesma. A mim não tem importância, devo sofrer; mas que ela se salve.

– Mas é horrível tudo isto! O Demônio tem prazer em lutar contra nós. Aqueles senhores, antes tão nossos amigos, agora também contra nós?! Acho que devíamos fechar o colégio e ir embora.

– Que é isso?! Não devemos acovardar-nos por essas perseguições. Vamos para frente. O amor à Maria tem que ser implantado no coração do povo escurialense. Enquanto tivermos forças, inda que o coração esteja sangrando, chorando interiormente, vamos adiante... Vou a Burgos, pois estou aqui desde o dia vinte e oito de agosto, quando inauguramos o colégio e já estamos em meados de setembro. Continuarei com minhas orações, pedindo a Deus paz e, sobretudo, luz para nós, para os que nos perseguem, sobretudo para a Irmã. Eu a perdôo de coração...

E os dias passaram.

No tribunal, tudo favorável. O juiz reconheceu a inocência e a grande paciência das Irmãs; estabeleceu-se o preço do

aluguel e os donos – mãe e filha – se entenderam. O colégio funcionava normalmente. Algum tempo depois, foi comprado um terreno e construído o primeiro imóvel da Congregação em El Escorial.

A luta interna, porém, continuava. Irmã Carmen, em Burgos, recebia más notícias da situação da comunidade de El Escorial.

E depois de muitas orações, sacrifícios e lutas, Irmã Carmen decide e diz à comunidade:

– Amanhã irei a El Escorial. Vou passar uns dias lá e também quero terminar a fundação daquele outro Infantil. Rezem, rezem muito e peçam à Virgem Imaculada que me dê forças e prudência.

Em El Escorial, alegria, entusiasmo com a chegada da Madre Fundadora e ela, solícita, se interessa por todas.

Alguns dias depois, já tudo pronto para a outra casa funcionar, Irmã Carmen está em seu quarto e...

– Madre, quero falar com a senhora.

E a pobre Irmã entra no quarto da Madre e se põe a chorar copiosamente.

Profunda psicóloga e conhecedora a fundo da alma humana, a Irmã Carmen compreende que a Irmã, arrependida, quer pedir perdão do tanto que tem complicado a vida das pobres concepcionistas.

Mistério da graça.

E a Irmã Carmen perdoa, esquece tudo, nem a repreende. É tão difícil humilhar-se e confessar todo o mal que se tramou ocultamente... A Irmã, mais calma, conta tudo, todas as suas intenções, seus planos movidos pela ambição e pelo orgulho... pede perdão, promete emendar-se.

A alma generosa esquece tudo...perdoa tudo.

E tudo volta ao normal. As classes funcionam bem; a alegria volta à comunidade e a paz àquele coração redimido.



“A graça é falaz e a beleza vã, a mulher inteligente é a que se deve louvar” (Ecl 31, 30).

– Padre Julião, redija um ofício a Irmã Carmen Sallés, atendendo ao pedido que ela me fez, no dia quinze de setembro, para fundar um colégio aqui em Madri, diz o bispo Dom José Maria de Cós a seu secretário.

– São aquelas religiosas que tanto bem têm feito em El Escorial?

– Sim, exatamente. E olha que as coitadas sofreram ali que não foi brincadeira. Quanta perseguição e incompreensões!

– Mas esta Irmã Carmen é de têmpera de aço, responde Pe. Julião.

– E de coração cheio de Deus que é o único essencial, atalha o Bispo.

– Acredito que aqui, em Madri, farão muito bem. Além disso, para um Instituto de Ensino é muito necessário um

colégio na capital. E esta Irmã é santa e sábia... Admiro sua prudência e como está levando tão bem uma fundação tão difícil como a de uma congregação.

– Quem tem Deus como norteador, como meta, é capaz de tudo. Ah! Deus não falha nunca, sobretudo para aqueles que se rivalizam em lhe demonstrar seu amor.

– Envie-lhes, então, o ofício autorizando a fundação. E que elas venham quando quiserem.

Irmã Carmen recebe a autorização com data de vinte e um de setembro de 1896, mas até conseguir tudo o que era necessário para se estabelecer em Madri, passou-se cerca de um ano, e só em outubro de 1897 se estabeleceram na rua das Rejas.

Teve tanto êxito a abertura das aulas que não foi possível estar ali muito tempo; o lugar era pequeno demais.

Peregrinaram um pouco por Madri e, por fim, se estabeleceram na rua São Vicente, numa propriedade do conde Superunda.

Tudo correu bem ali: as classes repletas, os pais contentes... tudo prosperou naqueles três anos.



31

Em ruínas

“Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que vive e crê em mim, ainda que esteja morto, viverá” (Jo 11,25).

– Ih! Gente! O colégio vai mudar! Fala uma garotinha às colegas.

– Quem falou? Várias vozes exclamam ao mesmo tempo.

– Meu pai. Ele trabalha na Prefeitura e disse que as Irmãs têm que sair daqui, porque... Ah! Sei que não podem ficar mais aqui.

– Nossa! Essa não! Eu é que não saio deste colégio. Gosto muito das Irmãs.

– Nem eu! Nem eu! gritam várias alunas.

– Aí vem uma Irmã. Vamos perguntar para ela.

– Vamos.

– Irmã, diz uma delas, papai disse que o colégio vai mudar. É verdade?

– É sim, filhas.
– Por quê?! exclamam.
– Então em poucas palavras a Irmã lhes dá uma rápida explicação.
– É que esta casa tem que ser desocupada em pouco tempo. Nós vamos mudar para a rua Mendizábal, nº 23. Coisas que Deus permite e que nós, suas criaturas, devemos aceitar com amor.

De fato, em princípios de dezembro de 1904, lá estavam as Concepcionistas. E logo as classes se abriram, bem como o pensionato. Ali permaneceram até 1908, quando mudaram definitivamente para a rua da Princesa (hoje, excelente colégio e Casa Geral da Congregação).

E a Divina Providência não lhes faltou.

Em Madri, Irmã Carmen esteve muito mal. Todos, médicos e religiosas, acreditavam, com certeza, que a morte a levaria logo. Mas ela, só ela, estava certa de que ainda viveria.

E quando, numa tarde, estando a Irmã Carmen muito mal, ansiosas, todas pediam ao Senhor que prolongasse aquela vida tão necessária para a Congregação, Irmã Maria Hualde entrou no quarto da Irmã Carmen. Sua expressão denotava preocupação, tristeza. E Irmã Carmen lhe diz:

– Não, minha filha, estou mal, porém por enquanto não morrerei, pois tenho que ver realizadas três coisas: a casa própria em Madri, o noviciado e a aprovação do Instituto.

E foi justamente na sua convalescença que se realizou a primeira das obras que ela esperava ver concretizada: a fundação definitiva em Madri e de uma maneira providencial.

Estava à venda um hotel esplêndido, facilmente adaptável a colégio, mas... e o dinheiro?

Orações, sacrifícios e a confiança inabalável de Irmã Carmen na Providência Divina. E esta não falha:

–Irmã, nós queremos lhe propor algo, dizem alguns senhores madrilenhos, conversando com Irmã Carmen. Mas, sob

uma condição: guardar segredo. Estamos sabendo da dificuldade que estão passando e queremos oferecer-lhe esta quantia de dinheiro, sem juros e para quando puder pagar e, se não puder pagar nunca... Deus pagar-nos-á.

Deus aperta, mas não afoga...

Em 1910, o noviciado já funciona em Madri, amplo, acolhedor, mais confortável que em Segóvia e mais prático também. Três noviças são admitidas e, mercê de Deus, outras e muitas outras virão aumentar a nova Congregação.



Aleluia!

*“Creio que a vida é bela, ainda nas piores circunstâncias”
(Teilhard de Chardin).*

As Santas Constituições estão prontas. Cartas de recomendação dos bispos de Madri, Córdoba, Cidade Real, Cuenca, Segóvia, Soria, Tarazona, Teruel e outros. Em princípio de março, tudo chega a Roma.

Seis de setembro: toda a documentação é apresentada pela Sagrada Congregação a Pio X.

Dezenove de setembro de 1910!

“Te Deum laudamus”, festas, regozijos, ações de graças nos colégios concepcionistas.

A Congregação recebeu o *“Decretum Laudis”* pelo qual Pio X louvava e recomendava encarecidamente a Congregação das Religiosas Concepcionistas do Ensino.

Aleluia! Aleluia! Aleluia!



33

¡Qué hermana más guapa!

“Amar é esquecer-se. Amar é ajudar o outro a crescer”.

E no mapa da Espanha o sinal azul concepcionista vai deixando rastros luminosos do amor à Imaculada:

Pozoblanco

Almadém

Valdepenhas

Santa Cruz de Mudela

E Irmã Carmen, ora com uma Irmã co-fundadora, ora com outra, viaja de trem, de diligência, de charrete... Viaja em companhia de gente de bem ou de outras não tão recomendáveis... Mas, sempre serena e tranqüila como quem viaja pelas propriedades de seu Pai. Tudo é de Deus e ela trabalha para Deus.

Que importam os elogios, as brincadeiras, as ironias dos companheiros de viagem?

– “¡Qué hermana más guapa!”, isto é: Que Irmã bonita! dizia um jovem toureiro tocando o braço de seu companheiro, “Mírela” (Olhe-a!) e apontava para Irmã Providência e Irmã Carmen.

E esta, com a máxima naturalidade: - Ser bela para ti, Senhor! Como é bom poder louvar-te com a beleza que nos dá.

E as fundações continuaram:

Murchante

Barajas de Melo

Manzanares

Arroyo del Puerco

Santa Cruz de la Zarza

Algumas com emocionantes histórias até da conversão de doadores, encantados com a firmeza, sinceridade, delicadeza e bondade de Irmã Carmen, como foi o caso de Barajas de Melo, cujo doador Sebastián Fuente y Alcázar, anticlerical ferrenho, queria apenas dotar sua cidade com um asilo entregue aos leigos. Depois de conviver com Irmã Carmen uns dias, ouvi-la e vê-la, tornou-se o grande protetor do Colégio de Barajas de Melo, que, depois de estar garantida a subsistência dos velhinhos, veio substituir o então asilo. Sebastián não só construiu o colégio, o mobiliou, como ainda se tornou um grande amigo da Irmã Carmen e, por meio dela, da religião e da Igreja. Outras, sem muitas histórias, mas todas com uma admirável confiança da fundadora na Providência Divina e, sobretudo, com os olhos fixos no Senhor, na Virgem Imaculada e na juventude, esta juventude que é vida, que tem vida, que, às vezes, não sabe viver...

Irmã Carmen se desviava pelos jovens. Essa juventude pela qual ela sempre lutou e amou e quis que suas filhas se dedicassem a ela.

E como as meninas gostavam dela! Era comum as ouvir dizer

– Esta Irmã é a bondade personificada.

– Como a Irmã Carmen é compreensiva!

– E enérgica também. Se precisa, bem que ela castiga.

– Você se lembra – alunas internas de Burgos conversam – aquela noite no dormitório, que tínhamos uma sede horrível e que a Irmã Carmen nos deixou ir beber água e ainda nos deu amêndoas? Que gostosas estavam!

– Sim, e depois todas as noites tínhamos sede.

– É, mas as amêndoas logo acabaram...

– Eu não me esqueço também é daquela garota louca de tudo... lembra-se? Não me recordo mais de seu nome.

– Ah! Aquela que respondia a todas as Irmãs? Ninguém agüentava com ela.

– Pois é, só a Irmã Carmen é que conseguiu modificá-la.

– As Irmãs a expulsaram uma vez e, quando a Irmã Carmen chegou, mandou-nos rezar por ela e ela voltou. A Irmã Carmen, então, conseguiu transformá-la. Hoje ela é outra.

É que Irmã Carmen unia a seus dons naturais de bondade, de delicadeza, de compreensão, um grande amor às meninas, um desejo imenso de “ajudá-las a crescer”.



34

Educar é Amar

“O conhecimento e a verdade são vãos se não originarem a transformação do mundo”. (Sri Aurobindo)

– Minhas filhas, temos que amar muito as meninas e ganhar-lhes o amor para levá-las ao verdadeiro amor. Não basta só a instrução; é preciso instruí-las com amor, dizia Irmã Carmen às jovens professoras.

Amá-las em palavras e atos...

A missão do ensino é altamente considerada por Irmã Carmen que faz dela a principal finalidade de seu Instituto.

Já se vê que o ideal de Irmã Carmen era a formação integral das jovens: desde seus verdes anos em Santo Andrés e Barcelona seu afã é dar às suas alunas, grandes ou pequenas, o melhor que possui.

Agora, como fundadora, sua preocupação é formar bem as mestras para que estas não deixem nada por fazer em relação às meninas.

Mas, não deixava também de, pessoalmente, intervir na formação das alunas, principalmente das internas. E, como no princípio eram poucas, puderam desfrutar mais da companhia agradável de Irmã Carmen. Chamava-as a seu escritório, falava-lhes da beleza de uma jovem bem-educada, do bem que podiam fazer na sociedade. E se interessava por tudo:

–E você, como vão suas notas? Já melhorou em matemática?

E para outra, muito miúda...

– Você está doente, filha? Vou dar-lhe um fortificante...

E também sabia repreender nas ocasiões oportunas, necessárias... Porém, ninguém ficava ofendido. Porque conheciam o amor que regia esta sua atitude.

Até mesmo quando estava muito doente, não deixava de chamar a seu quarto as meninas; mas, às escondidas, porque o médico lhe proibira qualquer excesso. Assim, enquanto a comunidade estava na capela, ela chamava as meninas, algumas vezes lhe perguntava:

– Que santo se celebra hoje?

Claro que quase nunca sabiam responder. Então, Irmã Carmen lhes contava a vida do santo daquele dia.

– Como era gostoso estar ali com a Irmã Carmen! Disseram estas afortunadas alunas. Como nos aconselhava e ouvia nossos problemas, nossas dificuldades! Com que carinho e atenção nos ajudava a vencê-las, perguntando-nos depois: “E então, como vai aquela dificuldade? Você não está triste, está?”.

– E ficávamos em seu quarto até que ela pressentia estarem já terminando de rezar e nos mandava sair.

Uma garota afirmava, depois da morte da Irmã Carmen:

– Impressionava-me ver como ela se preocupava conosco. Com que interesse perguntava por todos de nossa família. E no inverno que preocupação, se tínhamos agasalho suficiente. Claro que adorávamos a Irmã Carmen!

Ela sabia muito bem que, para educar a inteligência e a vontade, é preciso antes ganhar o coração das educandas. E a educação exige esquecimento de si, abnegação, dar-se aos outros. É um ajudar o outro a crescer sem que apareça nada daquilo que se faz para o outro.

E Irmã Carmen soube fazê-lo muito bem.

Como fundadora, não dava aulas, pois o tempo não o permitia, mas foi então que mais aulas deu em sua vida, porque estava continuamente pondo em prática a “*arte de educar*”. Em seus escritos, cartas, constituições, sente-se esta constante preocupação pela educação das jovens. Recomenda às mestras de noviças que “*plante no coração das noviças o zelo pelo bem e salvação das meninas*”; diz à porteira que “*trate as meninas ao vir e sair do colégio com sumo carinho e vigilância*”; repete sempre a todas as religiosas que “*no exercício de sua elevada missão do ensino ponham todos os esforços possíveis para instruir e educar bem suas alunas*”.

Missão de ensino! Sublime e ingrata missão. Como Irmã Carmen que, em sua vida inteiramente dedicada ao magistério, vai deixando após si rastros luminosos os quais, brilhando já sozinhos, se esquecem, muitas vezes, do facho que lhes acendeu a luz...

Esta missão foi a “paixão dominante” de Irmã Carmen, a única paixão que possuiu junto ao ardente amor a Deus, à Virgem Imaculada, e à qual doou-se totalmente, num sublime esquecer-se, pondo à disposição de todos sua psicologia, seus excelentes dotes pedagógicos.

Ela foi, realmente, a mãe e mestra daquela juventude que passou por ela no século XIX e começo do XX e continua sendo-o hoje, século XXI, por meio de suas concepcionistas.



35

Juventude, teu nome é amor...

*“Sozinho não posso realizar-me.
Minha vocação é uma convocação”.*

Carinhos de mãe...

Severidade de quem ama e quer o bem das educandas... E Irmã Carmen vai delineando bem as estruturas da Congregação, vai solidificando as bases do edifício.

Quer almas fortes, capazes de sofrer sorrindo, mas compreende que, muitas vezes, não se pode senão sorrir, chorando. O que importa, sobretudo, é que haja um grande amor a Deus. O resto – opinião dos outros, beneplácito do mundo? É útil, às vezes, mas nunca necessário. E quando a pessoa deixa Deus agir nela de nada mais se precisa; ela é santa e irradia luz por

toda parte. Não é que dela dimanem raios, sinais externos, algo diferente dos outros. Não. A santidade é simples.

– Não sei o que Irmã Carmen tem de diferente das outras, mas o caso é que ela é diferente sem o ser, diz uma colegial.

– Acho que é a santidade dela.

– Isso mesmo, responde uma terceira, entrando no grupo. Imaginem que ela convenceu o papai a deixar-me ser freira!... Meu pai, em relação às freiras, é uma fera!

– Mas ela tem um quê de especial; uma afabilidade, uma delicadeza e um modo de convencer que convence mesmo!

– É que ela vive o que diz. E que firmeza quando corrige! Outro dia veio aqui um moço, para visitar a Irmã Carmen e estava lembrando como ela, com tanta naturalidade, lhe dizia as coisas quando ele era pequeno, tratando-o como gente grande. E olha que ele era bem levado... Recordo bem o que ele disse: – Se eu, hoje, sou um jovem puro e cheio de ideal, devo isto à senhora, Irmã Carmen, que tanta paciência teve comigo, que ninguém suportava.

– Que coisa! Para ser freira, se há de ser como Irmã Carmen, ouviu Paquita? Você diz que vai ser freira.

– Chiii, mas deve ser difícil conseguir aquela igualdade de caráter, sempre alegre, mesmo quando tudo parece estar em trevas... sempre controlada.

– Aos poucos, eu acredito que a gente consegue... mesmo que se caia muitas vezes.

– Por vezes ainda se percebe, na Irmã Carmen, que ela tem que se controlar... Outro dia ela ficou tão vermelha que eu temi que ela desse um tapa na Pili. Mas bastou o seu olhar severo e profundo e Pili abaixou a cabeça e não respondeu mais.

– Por isso, ela nos diz sempre: “Controlem-se agora que são jovens, dominem seus impulsos por amor de Deus e da Virgem Maria para serem jovens cem por cento”. É, ela vive bem o que nos diz; ela deve ter-se controlado muito...

– É o amor a Deus e à Santíssima Virgem que faz tudo

isso, diz Paquita, mais velha e com sinais inequívocos de vocação. Como Irmã Carmen ama a Virgem Imaculada! Só de ouvi-la falar na Virgem a gente começa a amá-La também, não é mesmo?

– É, gente, vamos ver quem de nós consegue tanta virtude como a de Irmã Carmen. Vamos tentar?

– Vamos. Ela sempre nos diz que nós, jovens, somos capazes de nobres realizações. Vamos realizar algo de grande.

E todas, entusiasmadas:

– Lutar por um ideal. Amar a Deus e a Virgem Imaculada.

Juventude, teu nome é amor.



36

Bom humor

“O essencial não tem peso. Um sorriso, muitas vezes, é o essencial” (Saint-Exupéry).

“Um santo triste é um triste santo”.

– Não, gente, nada de santidade com cara amarrutada, diz Irmã Carmen a suas religiosas. Temos que ser alegres.

Alegria, sempre!

Alegria está presente nas pessoas que amam a Deus e que, em tudo, acham motivos para sorrir. E depois, por que não desfrutar das alegrias que Nosso Senhor põe a nossa disposição? A beleza da natureza, a vivacidade das canções, os acontecimentos alegres da vida... É preciso sorrir.

Lá na porta do colégio, duas senhoras estão paradas. É hora de recreio. Irmã Carmen chama duas garotas que estão conversando. Elas vêm apressadamente.

– Escutem, vocês já viram a eternidade pintada?

Cara de espanto das juvenzinhas.

– Eu, não! exclamam.

– Pois, olhem, lá está: duas senhoras se despedindo.

E mesmo para corrigir ou castigar, se precisa ter bom humor. Uma jovem recém-chegada ao convento tomava conta do refeitório das meninas. Um dia se esqueceu de pôr pão para as garotas e, pronto! Bastou isso para que a pequenada fizesse uma boa algazarra para ir buscar pão na clausura.

Irmã Carmen, séria, chama a postulante e lhe diz:

– Agora, por castigo, vá batendo esta matraca (espécie de reco-reco, só que maior) por toda a casa: desde o pensionato até a clausura das Irmãs!

Que vergonha! Pobre da Irmãzinha! Corada até a raiz do cabelo, sai tocando sua matraca. Ah! Ninguém se espanta, ninguém ri! Aí, então, ela se lembra de que é sexta-feira santa e havia mesmo que bater a matraca, pois não se podia bater o sino, o que era proibido pela liturgia da Igreja...

E aquela vez que uma noviça vinha toda posuda pelo corredor, com seu andar pesado e passo largo, os braços bamboleando? Do outro lado vinha a Irmã Carmen. A noviça apressou o passo ainda mais para se encontrar com a Madre que, pára e aguarda a noviça; quando esta chega perto dela, Irmã Carmen, com um sorriso simpático e exclamação de espanto, diz:

– Ah! Mas é você, Irmã! Pensei que era o médico que chegava...

A noviça sorriu e compreendeu: o andar religioso tem que ser mais calmo, mais de acordo com a sua profissão: a religiosa.

Se quisermos, de tudo podemos tirar uma pontinha de alegria. Mesmo da dor, do sofrimento, do desgosto, da humilhação.

A alegria de saber que os outros são felizes. Como isso faz bem! E como as meninas e as Irmãs sentiam que Irmã Carmen tinha essa alegria!

E por que todos não a podemos ter?

Irmã Carmen era humana, de carne e osso como qualquer uma. Tão de carne e osso que, muitas vezes, tinha que ir à capela dizer a Cristo:

– Senhor, não agüento mais; deixe-me, ainda assim, sorrir.

De carne e osso, como nós, com seu gênio forte e impulsivo que, apesar de todo seu controle, precisava, às vezes, dizer:

– Meu Deus, ofendi a Irmã X. Coitada, ela ficou triste com a resposta dura que lhe dei. Vou procurá-la. Dê-me forças para me controlar e me vencer sempre.

De carne e osso, minada dia a dia por uma diabetes bem forte, mas sempre pronta ao esforço, à luta, a viver para os outros.

Nossa vida é como uma fonte: um contínuo recomeçar. E um contínuo servir aos outros, pondo a sua disposição o senso de humor que a vida ou a virtude nos dá.

Irmã Carmem era o ideal para isto: como sabia descer ao nível das pessoas com quem tratava e fazer-se simples com os simples, alegre com os alegres!

Prova desta simplicidade e senso de humor são trechos de uma carta escrita a duas postulantes de Murchante, Elena e Glória, escrita em 1910, em que, com muita graça, lhes fala de Irmã Providência e Irmã Puridad que, provavelmente, estariam visitando as pequenas cidades. Por isso, ela, Madre Fundadora, sabendo como as postulantes se sentiam felizes em receber carta da Irmã Providência, escreve e lhes diz:

“Hoje, vocês vão levar uma boa, pois, esperando carta de sua Irmã Providência, têm que se conformar com esta”.

E depois:

“Irmã Providência, não sei por onde anda, pois desde que estamos nestas terras de Navarra, não a vi senão um pouquinho, quando a encontrei uma tarde que fui a Tudela, a ela e a Irmã Puridad que iam de uma cidade à outra, em um bom carro de

cavalos ou mulas ou não sei o quê, e um bom homem para guiá-lo; e tudo isto puseram a sua disposição estes bons navarros e quando chegam às cidades, soltam foguetes e fogos artificiais, jogam-lhe flores... Assim que, minhas filhas, já veremos quem poderá com essas freiras depois”.

E continua assim, em tom de brincadeira, a demonstrar afeto, carinho e preocupação por suas “jovenzinhas”, dizendo-lhes ao terminar, com muita graça:

“Não tenho mais notícias por hoje do que esta: aqui se nos está perdendo a fruta, por não podermos dar fim a tudo que esta boa gente navarra nos envia; e como fica mais caro faturá-la do que elas valem, me mortifico não as mandando para vocês e lembrando-me de seus dentes.”

Que simplicidade de linguagem, mas que profundidade de compreensão humana!

Só mesmo Irmã Carmen para ter esses detalhes de delicadeza, de verdadeira caridade, pois o amor ao próximo está em amá-lo, tratando-o como irmão, como alguém que é importante para nossa vida.

E, quantos outros detalhes se poderiam trazer à luz! Mas, imaginemos, que não é impossível imaginá-los em uma mulher inteira, como foi Madre Carmen Sallés.



37

O mistério do Amor

“Quem não ama o próximo a quem vê, como amará a Deus a quem não vê?” (1 Jo 4, 20)

Hoje se fala demais em amor. Pró e contra. Desvirtuou-se a palavra; perdeu o sentido... Hoje mais que nunca há uma desintegração do amor. Afinal, que é amar? O que é amor?

Há abundância de definições... E o amor não se define, sente-se.

Amor, sentia a Irmã Carmen por todos com quem convivia, sobretudo pelas Religiosas; porque ela as amava com amor autêntico, em Deus. E só n’Ele há verdadeiro amor.

Se não fosse por um amor, mais que simples prazer pessoal, como se explica a atitude sempre carinhosa, sempre alerta às necessidades dos outros, sempre pronta a perdoar que Irmã Carmen demonstrava? Era mãe para as fracas, débeis, enfermas... era irmã mais velha, sempre solícita com todas.

Para que o ser humano – sociável por natureza – possa se realizar, ele precisa viver em um ambiente humano, no amplo sentido da palavra: do calor humano.

O homem não pode viver só ao lado dos outros; tem que estar junto com o outro, procurando, juntos, a realização da sua própria vida.

Irmã Carmen compreende a necessidade de fazer da Congregação nascente uma família na qual, antes e acima de tudo, reine o amor mútuo, sincero, acolhedor. E ela não perde ocasião para aperfeiçoar cada vez mais esse lar; forma bem as que ingressam, preocupa-se dia e noite pelas já religiosas, procura conhecer e compreender melhor cada uma, mima as meninas, corrige quando necessário... Em tudo, ela vai transfundindo sua própria vida que é plena de Deus.

O amor não é cego às imperfeições do ser amado, não! Onde há cegueira não há amor. O importante do amor é que ele vê os defeitos, sente-os, aceita-os e ama assim mesmo.

– É preciso corrigir as más inclinações, adverte Irmã Carmen, e castigar, se necessário.

Mas, logo, nas Constituições, recomenda a todas, especialmente as Superiores que *“cuidem com especialíssimo cuidado das que tiverem a desgraça de cair em alguma falta grave, porque não necessitam de médico os sãos, mas os enfermos”*; e ainda mais, lhes recomenda o que ela praticou com perfeição minuciosa: *“Portem-se com elas como sábio médico e como carinhosa mãe que não deseja outra coisa que o bem de suas filhas, enviando algumas religiosas para que as consolem e animem, para que não se abandonem a uma grande tristeza, porém, aumente nelas, como diz o Apóstolo, a caridade”*.

De fato, o amor é inesgotável fonte de perdão. A uma pessoa que fez Irmã Carmen sofrer horrores e que, certa vez, estando ela doente, veio a seu quarto, com bastante cinismo a se inteirar de sua saúde, Irmã Carmen não soube senão beijar, com carinho intenso seu algoz e agradecer-lhe de coração

aquele gesto de atenção, embora, é mais que lógico, tivesse ela em si um sentimento de dor e de pesar ao ver a pobre Irmã tão inescrupulosa, fazendo sofrer tanto os demais.

Quando estavam enfermas duas juvenzinhas religiosas, Irmãs Carmelita e Arcângela, a pobre Irmã Carmen sofreu mais que elas e chorou-lhes a morte como uma mãe chora a morte de sua filha querida.

E era assim com todas, sem distinção; para todas usava a *caridade com delicadeza*, que ela recomendava às outras.

É admirável que uma Madre com tantas ocupações se preocupe até com os mínimos detalhes da vida dos demais. Preocupação carinhosa e caridosa.

Como possuía uma fina psicologia, procurava pôr em prática seus conhecimentos para ajudar a todas, sobretudo nas lutas morais que são as mais difíceis. Com que amor ela fixou, certa vez, seu olhar penetrante numa jovem religiosa e lhe disse:

– Você está triste. Conte-me o que se passa. Conte-me tudo com grande confiança.

E a jovem Irmã que vinha lutando há dias, não resistiu àquele convite de mãe e abriu-lhe seu coração, bem escancarado, saindo daquela conversa com a Madre mais leve que um pássaro e mais feliz que nuca.

E muitas outras poderiam dizer o mesmo. E também as alunas. O coração de Irmã Carmen era tão grande quanto o amor que Deus lhe infundira e nesse amor de Deus havia lugar para todos, especialmente para os que mais careciam deste afeto: os pobres! Que predileção tinha por eles!

É natural, pois, que até hoje Irmã Carmen não recuse sua proteção, sua assistência aos que lhe pedem algo. Com que carinho ela curou, em 1924, a Irmã Amélia Ramon, enferma gravíssima da coluna vertebral, a tal ponto que o médico especialista, ao vê-la curada, não pôde deixar de exclamar:

– Irmã, isto é um golpe a mais para minha fé! E nós,

os médicos, dizemos que somos sábios. Mas, sábio é Deus, o único que podia ter deixado seus ossos tão novos como no dia em que nasceu.

Um amor radicado no sobrenatural era que lhe dava esta perspicácia tão grande para observar tudo e sentir em seu próprio coração o sofrimento de cada uma. Até mesmo nos momentos de grande preocupação com novas fundações ou em sua penosa enfermidade estava presa às necessidades dos outros.

Com que presteza se apresentou em Almadén logo que soube do estado grave de uma Irmã e de como ela estava mal preparada para morrer e, com um amor só mesmo existente no coração de uma mãe, respondeu às Irmãs que se assustaram com sua chegada tão repentina:

– Venho para salvar uma pessoa!

E, realmente, a salvou, pois esteve com ela, falou-lhe com carinho maternal, a fez ver seus erros e a beleza de uma eternidade feliz; dá-lhe banho, deixa-a arrumada e a religiosa, arrependida, pede perdão, confessa-se e recebe o santo Viático e, aos poucos dias, morre em paz e com suma gratidão à sua Fundadora que não mediu sacrifícios para ir fazê-la feliz.

Irmã Carmen vivia o que Cristo no Evangelho deixara consignado: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. E, naturalmente, esse amor ao próximo nos revela que era profundo e autêntico seu amor a Deus.

Como estava imbuída desta presença de Deus! Sua vida, contínua oração. E não uma santidade melosa, “de fanáticos”: era a santidade das almas intrépidas, cuja oração contínua é o trabalho, os recreios, a vida familiar, o interesse por todos. Vida interior que se reflete exteriormente ao sentir, na beleza de uma flor, a grandeza de Deus, ao ver, no progresso do homem, a sabedoria do Senhor.

Irmã Carmen não despreza as coisas da terra; ama-as em Deus e por Deus. As coisas são belas porque há um ser infinitamente belo que as criou. Mas, das coisas terrenas faz um

trampolim para chegar a Deus. Por isso é que, em plena Porta do Sol, em Madri, ela não se envergonha de recordar a sua jovem companheira que não se perca no movimento incessante dos homens, mas eleve a Deus seu coração e diga-lhe com simplicidade: “Ah! Jesus, amado meu, nada mais quero que a ti...”

E essas lições de santidade concreta, de amor a Deus prática e praticável, ficaram de tal modo gravadas no coração de religiosas e alunas concepcionistas que constituem um dos patrimônios da Congregação: *Fazer o que se está fazendo por Ele, com Ele e n'Ele: o Deus Pai e Senhor. Viver o momento presente. Faze o que fazes!*”.



38

E agora!?!...

“Não há ocasião heróica que se apresente a quem já não era, antes, um herói obscuro e desconhecido” (Maeterlinck).

1911.

É o começo do fim.

Aliás, um começo que já está no meio...

Meados de abril... Irmã Carmen deve ir a El Escorial.

– Irmã, a senhora está com a fisionomia tão abatida! É melhor que não vá.

– Realmente, não me encontro muito bem, diz Irmã Carmen. Faz alguns dias. Agora, filhas, é o fim. Deus me chama.

– Imagine, Madre! Ainda precisamos muito da senhora.

– Fiz o que pude. Agora sinto que o fim está bem próximo. Não façamos ilusões, filhas. É esta a vontade de Deus.

– Mas, Madre, vamos chamar o médico; nem sequer ele a viu...

Dia trinta de abril – Domingo do Bom Pastor – Irmã Carmen não se sentia nada bem, mas tentou o impossível para ficar com a comunidade. Não agüentou e, à tarde, teve uma crise muito forte e ela mesma pediu para se deitar.

– Desta vez tenho certeza. Os prognósticos dos médicos podem acertar ou não; de uma coisa estou certa: nos desígnios da Providência devo parar de trabalhar aqui. Desde o céu continuarei velando pela Congregação, aqui na terra todas trabalhem unidas no amor por Deus, pela Igreja, pela Congregação.

De fato, dia a dia, Irmã Carmen piorava.

Em outubro de 1907, quando ela esteve muito mal, o diagnóstico dos exames acusou um caso avançado de diabete que comprometera o fígado. O prognóstico era grave, ainda mais considerando a escassez de recursos para o tratamento da diabete naquela ocasião. E, naquele 1907, M. Carmen afirmara que ainda não morreria, pois tinha que ver realizadas três coisas importantes (Capítulo 29)... Agora, porém, quatro anos depois, sem um tratamento adequado e sempre atuante, num dinamismo constante, seu caso era muito mais grave.

Mesmo assim, procurava animar as Irmãs, quis dar às duas postulantes a alegria de receber o hábito das mãos da Fundadora e admitir, no postulantedo, a jovem Glória...

Mas, com evidentes sinais de fadiga, de dor, apesar de todo o esforço que fazia, para aparentar tranqüilidade viu-se obrigada, pelas instâncias de suas filhas, a se deitar.

– Vamos, Madre, agora a senhora nos obedecerá; é preciso se deitar.

E Irmã Carmen, vendo que já não podia mais:

– Sim, agora é Deus quem me obriga. E já não me levantarei mais aqui na terra...

E começaram os três meses de lenta agonia.

A opinião dos médicos alternava; a da Irmã Carmen permanecia sempre a mesma.

– É o fim. Roguem a Deus por mim. Não vão dizer “a Madre era uma santa” e me deixam mais tempo no purgatório.

E sua solicitude por todas era realmente admirável. Iam visitá-la, interessava-se pelos problemas e preocupações de cada uma. Mesmo nas horas de crises fortes:

– Escute, Irmã, você arrume suas coisas e vá passar uns oito ou quinze dias com sua família, pois seus pais já não podem mais vir vê-la...

– Mas, Madre, retruca a Irmã, como vou ter coragem de sair a passeio, estando a senhora tão mal?

E com uma previsão de mãe, que vê até o futuro:

– Vá, filha, porque depois que eu morrer, quanto terá que sofrer! Pobrecita!

E o prognóstico de Irmã Carmen não falhou. Esta pobre Irmã sofreu muito depois.

E o mal se agravava; em maio, seu rosto se tornou amarelo esverdeado; convulsões se repetiam com mais freqüência.

Cinco médicos! Os cinco, um depois do outro, coincidem: não tem jeito. Ao fígado e à diabete, juntou a hidropisia: ventre, pernas e pés com tal inchaço que não pode nem trocar de posição; nas pernas se lhe abrem várias feridas; a direita, especialmente, está negra...

Suas pernas e o corpo incharam tanto que mesmo cinco pessoas não conseguiam movê-la na cama. Seu corpo era uma chaga viva...

Onde, senão em Cristo e num grande amor a Deus, Irmã Carmen conseguia forças para suportar tudo sem nenhuma queixa, sem nenhuma murmuração?

– Oh! Senhor, como sois rico em dar! E foi o único desabafo que se ouviu da boca de Irmã Carmen em um dia de grande sofrimento.

A inchação ameaçava sufocá-la. Era horrível o que ela sofria.

Ela estava preparada, conscientemente, com lucidez e fervor dignos de inveja já havia recebido o Viático e o sacramento dos enfermos.

A Congregação na primeira infância ainda? Deus não a desampararia. O que é de Deus não morre. Além disso, ficavam as outras Irmãs e a juventude para trabalhar com ardor... E lá do Céu ela continuaria a velar pelo Instituto. Assim, não queria nenhuma tristeza.

Dia dezesseis de julho, festividade da Virgem do Carmo, festa da Irmã Carmen.

Quem teria coragem de pensar em festa?

Tristes, abatidas, as Irmãs não pensavam senão em inventar um meio de mitigar as dores de sua Fundadora. Ninguém pensava em se alegrar.

Com olhos de lince, Irmã Carmen percebe o ambiente de tristeza e de preocupações. Isto ela não quer, porque Deus quer corações alegres no seu serviço.

– Escute, Irmã Providência. Amanhã é dia de festa; quero que comemorem com toda solenidade e alegria. É a última que passarei aqui na terra com vocês. Vamos “servir a Deus com alegria”.

E no dia seguinte, com o coração meio sangrando, as Concepcionistas celebraram alegremente o dia da padroeira da Fundadora: a Virgem “del Carmen”.

Uma vida inteira consagrada a Deus, numa alegria sem limites, num esforço contínuo para ser sempre melhor, tinha necessariamente que ter um fim digno de tal vida.

– Sofre muito, não é Madre? perguntavam-lhe ansiosas suas filhas.

– Tudo quanto Deus quer. Seja feita a sua vontade, respondeu Irmã Carmen.

E os médicos, os próprios médicos que conhecem a natureza da doença, não compreendem como ela agüenta tanto e, para aliviá-la um pouco, resolvem operá-la e tirar um pouco da água que ameaçava sufocá-la.

Mas...

O médico lhe diz:

– Irmã Carmen, vamos operá-la, mas peça a Deus força e coragem; a operação tem que ser sem nenhuma anestesia, seu estado não permite.

E um sorriso se esboça em seu rosto:

– Bendito seja Deus! Por Ele, pela Congregação, pelas almas! Forças não me faltarão, doutor. Nunca me faltaram... Opere-me só para satisfazer o desejo de minhas filhas que assim o querem. Mas, não adiantará.

Que tranqüilidade, que resignação! Nove litros de água lhe tiraram! Nem um ai! se ouviu durante todo o tempo. Só as contrações do rosto, involuntárias, denotavam o grau de sofrimento e de dor.

E nem nesse momento de tanto sofrimento deixa de se preocupar com os demais. Faz sinal para uma Irmã trazer água para o médico lavar as mãos...

Depois da operação, o médico, satisfeito, lhe diz:

– Agora fica mais descansada, não, Irmã?

Ela responde serenamente:

– Sim, senhor Doutor, obrigada! Mas, meu estado continua igual.

E voltando-se depois para Irmã Providência:

– Quantos dias faltam para São Tiago?

Era vinte e dois de julho. São Tiago, vinte e cinco.

Neste momento, ninguém estranhou a pergunta de Irmã Carmen. Só no dia vinte e cinco – dia de sua morte – é que ligaram idéias e não duvidaram: Irmã Carmen sabia quando devia morrer. E sabia como morreria, isto muito tempo antes, pois quando estava ainda com saúde, disse um dia:

– Quando eu morrer, terão que me colocar em dois caixões: um de zinco, porque vou me decompor muito depressa e... minhas filhas irão pisando o meu sangue até o cemitério...

Tudo se sucedeu.

Dia vinte e três e vinte e quatro foram dias de terrível agonia. Sobretudo dia vinte e quatro e todo o vinte e cinco: oito convulsões fortíssimas. Uma sede horrível, abrasadora, queimava-a. Davam-lhe água. Quase em seguida a devolvia, muito quente!

O corpo em chagas...

Com voz fraca, mas firme, recomendava as Irmãs, amor, união, paz nas comunidades.

Crises agudas tiravam-lhe a respiração, provocando-lhe convulsões. Depois a calma voltava. Recomendava, então, a Irmã Providência que cuidasse do Instituto, dava-lhe instruções para que a Congregação continuasse próspera e servindo à Igreja.

Abençoou uma por uma as Religiosas presentes e ausentes...

– Meus Deus, por Vós, pelas almas!

Repetia com fervor as jaculatórias que o Padre Clemente Martinez lhe sugeria... E recomendava, sobretudo, amor a Deus, à Santíssima Virgem e entre as Irmãs.

Olhando, já nos últimos momentos, a todas com olhar afetuoso, fez um esforço para falar e pediu-lhes perdão por tudo

em que pudesse ter-lhes ofendido e, ao mesmo tempo, dizia que as perdoava de coração se algo houvesse para perdoar.

Um pouco antes das vinte horas, uma nova convulsão. A última. As Irmãs, porém, disseram:

– Esta passará logo, pois não lhe deu tão forte como as outras.

E Irmã Carmen só voltou a si na eternidade, recebendo lá a sua recompensa.

As Irmãs se aproximaram do seu leito. Irmã Carmen estava morta, com a tranqüilidade e placidez dos santos.

No Atestado de óbito, consta “(...) por consequência de um carcinoma primitivo do fígado e miocardite, segundo os atestados apresentados”.

Era o dia de São Tiago!



39

Depois?!...

“Como fundamentos eternos sobre a pedra firme, assim são os preceitos divinos no coração de uma mulher santa” (Ecl 26,24).

O enterro foi simplicíssimo.

Expresso pedido de Irmã Carmen. Seu corpo teve que ser colocado em dois caixões e, mesmo assim, ia deixando rastros de sangue pelo caminho.

Não seria semente de outras tantas almas de coragem? Sangue de mártires, semente de cristãos.

Saudade nos corações de todos os que a conheceram. Esperança na alma de todos os que a viram. Esperança de vê-la glorificada. Certeza de que ela não estava presente, mas não se ausentara: sua obra perdurara.

Por Cristo, pela Igreja...

- **Brasil**
(Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás - DF, Bahia)
- **Japão**
- **Estados Unidos**
- **Venezuela**
- **Itália**
- **Guiné Equatorial**
- **República Democrática do Congo**
- **República de Camarões**
- **República Dominicana**
- **Coréia**
- **Filipinas**
- **México**
- **Índia...**

A messe é grande; poucos os operários... é preciso cultivar essa messe e ela frutificará.

“Juventude, teu nome é beleza,
Juventude, teu nome é amor,
Juventude, teu nome é graça, é luz, é alegria, teu nome é ardor.”

Irmã Carmen continua do Céu prolongando o seu trabalho, através das Concepcionistas Missionárias do Ensino. Ela é “Mulher de Coragem”.



40

E a semente floresceu

*“Se o grão de trigo não for lançado à terra não germinará”
(Jo 12,24).*

Não podia deixar de florescer.

Estava bem regada pelos sofrimentos de Irmã Carmen, estava bem preparado o terreno por sua profunda vida interior, seu grande amor às pessoas.

Podiam-se colher abundantes testemunhos que apareceram depois da morte de Irmã Carmen. Testemunhas que existiram antes, claro! Mas que se tornaram mais necessárias depois que já não estava neste mundo aquela que forjara tão sólidas bases...

Provar a solidez da obra de Irmã Carmen? Basta olhar a prosperidade desta Obra. Os anos passam... as Concepcionistas continuam seu trabalho pela Igreja, na Igreja, com a Igreja.

É que Irmã Carmen deixou em suas filhas marcas indeléveis de um grande amor à juventude, um interesse muito

grande por suas almas. Não perdia ocasião para estimular em suas Concepcionistas o amor aos jovens. A eles se referia com frequência, chamando-os “*ternas e delicadas flores que o Senhor confiou a nossos cuidados e pelas quais devemos velar dia e noite, sendo elas nossa ocupação cotidiana, o objeto de nossos mais ternos cuidados*”.

Era uma felicidade para ela trabalhar com as jovens; sente-se em suas cartas e escritos que possui ainda hoje (apesar dos estragos causados pela guerra) o grande amor que tinha pela juventude. Amor traduzido em palavras, mas, sobretudo, um amor traduzido em desvelo, na abnegação, na preocupação constante pelo bem-estar físico e espiritual das alunas dos colégios.

São frases suas dirigidas em trinta de maio de 1909 às Religiosas de Barajas de Melo.

“*Que feliz nossa missão que nos dá por companheiras as jovens que são um pedaço de céu na terra! Que feliz nossa missão que, esquecidas do mundo, podemos encher os lares de jovens virtuosas, as cidades de honradas mães de família e o céu de felizes moradoras!*”

E ainda nesta mesma carta em que se esforça para fazer as Religiosas sentirem sua obrigação de se dedicarem às jovens “dia e noite” lhes diz: “*Alimentemo-las a cada instante com sãs lições; com proveitosos conselhos. Infiltemos-lhes o aroma da virtude e da honra; arranquemos com prudência e na ocasião propícia as más ervas de sua alma*”.

E que dizer da sua preocupação por cada um dos colégios e da formação de cada uma das jovens confiadas ao cuidado das concepcionistas?

Interessava-se por todas... E àquelas de caráter mais difícil, sem vacilar ou se impacientar, dedicava grande parte de seu tempo, aconselhando-as, animando-as. Não é sem razão que uma aluna de Madri (do ano de 1909) recordava, passados já muitos anos, a delicadeza de Irmã Carmen ouvindo-a e pro-

curando apaziguar suas lutas com o pai por demais severo em questão de sua vocação religiosa.

Era sua constante preocupação que “*o exercício do ensino, o fundamento deste Instituto para a maior glória de Deus, bem do público e salvação das almas, fosse tido em singular recomendação por todas as que fossem chamadas à Congregação, de modo que nunca se omita, mas que dia a dia aumente mais*”; e também recomendava sempre às Religiosas professoras que elas são livres para fazer tudo o que for para “*melhor educação e instrução das jovens recomendadas a seus cuidados*”.

É por isso que até hoje as Concepcionistas se esmeram em fazer, dos colégios, lares, não apenas escolas, onde as alunas se sintam à vontade e recebam luz para a inteligência e para a alma.

É comum encontrar ex-alunas que recordam com carinho os anos de colégio e, quantas vezes, se ouve dizer:

– Não sei o que as Concepcionistas têm, mas como é gostoso o colégio delas!

É que a fonte de onde emanaram as primeiras águas que hoje sustentam os colégios concepcionistas foi o coração sempre jovem de Irmã Carmen e sempre aberto à juventude que ela considerava “as flores mais delicadas de nosso jardim”.

Em uma de suas cartas pode-se ler: “*Que feliz nossa missão! Somos esposas d’Aquele que nos criou, somos depositárias e encarregadas do que Ele mais ama neste mundo: a juventude*”.

E a juventude de hoje continua a ser predileta do coração de Cristo. São os corajosos defensores do ideal, da alegria de viver, que podem ser muito úteis à Igreja, ao mundo, desde que se proponham a lutar pelo único e verdadeiro ideal: *o amor*.



41

Na linha Conciliar

“Aos que exercem o apostolado do ensino, ou seja, aos que estamos encarregados pela Igreja de ensinar as verdades da fé cristã, se nos podem aplicar com todo direito as palavras do Senhor: ‘Vós sois o sal da terra; vós sois a luz do mundo!’” (M. Caridad Martín Nuno).

Não é ousadia colocar Irmã Carmen – do século XIX e falecida no início do XX – dentro, bem dentro do espírito conciliar do Vaticano II e dos inícios do século XXI. Não é ousadia. Essa mulher de coragem, esse espírito de Deus, embora vivendo a maior parte de sua vida no século XIX estava já por dentro do século XX e até do XXI, com seu progresso técnico-científico-eletrônico a influenciar a vida sociorreligiosa. Sua doutrina cheia de vida, seu espírito repleto de cristianismo e marianismo refletem bem os nossos dias em que ressurge para nós um anseio de buscar Cristo, fazer reviver seu Evangelho, perdido nas múltiplas complicações dos acessórios, presentes no essencial que constitui a Igreja.

Irmã Carmen é atual. Nas primitivas Constituições que ela escreveu para que pudesse haver uma sociedade (pois ninguém ignora ser necessário um mínimo de estrutura para que haja uma associação qualquer), pois bem, nestas primeiras leis que estabeleceu para o nascente Instituto, em 1894, ela já tinha uma visão clara e fecunda daquilo que os bispos do mundo inteiro nos diriam, setenta anos depois, reunidos em Concílio: os valores humanos, o amor entre os homens para chegar a Deus, o respeito à personalidade de cada um, e especialmente para a vida religiosa, um conceito atual de pobreza, obediência e castidade. É a visão ampla dos que seguem a Cristo, cuja doutrina vence os séculos mais que os célebres monumentos que desafiam a inclemência dos tempos.

A doutrina baseada no Evangelho nunca será antiquada. A obra de Irmã Carmen também não é, pois conserva o espírito que ela inculcou nas bases de sua construção. Como São Paulo exortava os primeiros cristãos de Roma, de Corinto, etc. ela exorta suas filhas a serem fortes, a confiarem plenamente em Cristo. São palavras suas: *“Abandonemo-nos à conformidade com a vontade divina, seguras de que tudo podemos n’Aquele que nos conforta. Procuremos esta união pela oração, mortificação (e trabalho) para que nossos pensamentos, nossos gostos, nosso próprio querer estejam postos em Cristo, por Cristo e para Cristo, de tal sorte que possamos exclamar com São Paulo: vivo eu, mas já não sou eu, é Cristo quem vive em mim”*. E nas primitivas Constituições, Irmã Carmen insiste em que suas Religiosas vivam tão somente por Cristo e para Cristo.

E este espírito cristocêntrico e mariano foi a herança que Irmã Carmen legou a suas filhas. Herança que tende a aumentar com o correr dos anos; e que, sobretudo hoje, com a abertura dada pelo Concílio Vaticano II, lança seus galhos afoitos para o alto, pois estão confiantes nas profundidades de suas raízes.

Irmã Providência Esquíroz e Irmã Lourdes Alonso segui-

ram a linha de Irmã Carmen. A guerra implacável e cruel de 1936-1939, na Espanha, tentou, mais uma vez, desmanchar a jovem Congregação; dispersou seus membros, desfez as comunidades, mas não pôde desligar os espíritos unidos por um grande desejo de *“se ocuparem com toda diligência e cuidado com a graça de Cristo, não somente em se preocupar por sua saúde espiritual e própria perfeição, mas também com o mesmo fervor e graça, à imitação da puríssima Virgem Maria em procurar a salvação e perfeição das almas e, em especial, das jovens que lhes forem recomendadas para sua educação”*, como se expressou Irmã Carmen, em 1893, ao definir o fim principal das Religiosas Concepcionistas.

Assim, após a guerra, Irmã Piedad Espinal envida todos os esforços possíveis para reerguer a Congregação, solidificar o recente Instituto e fazê-lo aspirar, na recordação de Irmã Carmen, o espírito genuinamente Concepcionista.

Os anos passam... O século XX sofre uma transformação total na sua segunda metade; a juventude se alvoroça, não é a mesma pacífica mocidade dos outros tempos. É mais vibrante, mais ardorosa, mais livre... é mais juventude”

Já, então, Irmã Regina Arias está à frente da Congregação, recordando-nos que a base do edifício está lá em Irmã Carmen, com sua fina psicologia e oportuno trato com os jovens. E, quando o Concílio Vaticano II insiste com os professores *“para que se esforcem em se distinguir em formar no espírito de Cristo a seus alunos, seja na pedagogia ou nas ciências, de forma que não só promovam a renovação interna da Igreja, mas também sirvam e acrescentem sua benéfica presença no mundo de hoje”* (G.E.12), Irmã Carmen já havia insistido com suas Religiosas que alimentassem as jovens com lições bem preparadas, que sua missão é formar jovens virtuosas, para que estas constituíssem novos lares, novas famílias, novas cidades e, assim, a missão concepcionista estaria presente no mundo, pois as alunas educadas nos colégios concepcionistas deviam *“alcançar todas as belas qualidades*

que devem adornar uma jovem cristã em qualquer estado em que Deus a coloque”.

Irmã Carmen não se contentava, pois, só com o esforço para dar às alunas aquela formação e instrução nos anos de colégio. Não! Era necessário que essas jovens “*levassem todos os conhecimentos necessários e a piedade indispensável para que fossem diante de todos o modelo de virtude e conduta cristã e nunca desmentissem que foram educadas em uma casa de Maria Imaculada*”.

Várias Irmãs vão passando no “comando” ou melhor, na Coordenação Geral da Congregação...

E, apesar das modificações profundas das últimas décadas do segundo milênio, as Concepcionistas entram no terceiro milênio esforçando-se para viver com a Igreja os sinais do tempo. Expandem-se cada vez mais: África, Coréia, Filipinas, Índia, ampliam as obras nas Américas, intensificam a missão na Espanha, no Japão, expandem as obras sociais no Brasil...



42

E a Virgem?

“Para dar vozes ao Verbo de Deus eis o que singular e veridicamente é a auréola da vocação de ensinar” (Teilhard de Chardin).

– O hábito branco e azul destas freiras faz lembrar a Virgem Maria, não é mesmo? Nem é necessário perguntar-lhes nada. Garanto que elas são de Maria Imaculada, dizia, certa vez, uma senhora à sua companheira ao ver algumas Concepcionistas.

E não só o hábito. Esse hoje já quase nem existe. Concepcionista quer dizer: a que, como a Virgem Santíssima, concebe em seu coração o Cristo para dá-lo aos outros. Concepcionista é ser mariana, é ser “Congregação da Virgem Imaculada”, como dizia Irmã Carmen, que ainda vai mais longe ao chamá-las, em suas primeiras Constituições, de “corpo místico da Imaculada Conceição”.

“O hábito não faz o monge” diz o ditado. E não faz mesmo. De branco e azul, simbolicamente evocando a Virgem

ou sem o branco e azul, primeiro e antes de tudo as filhas de Madre Carmen anunciam ao mundo o amor terno e fecundo de Maria Imaculada.

E há nos colégios ou nas obras sociais concepcionistas um amor ilimitado à Virgem, um ambiente notadamente mariano.

É, segundo Irmã Carmen queria, a “casa de Maria Imaculada”.

Nas reuniões de ex-alunas não é raro ouvir dizer:

– Posso esquecer tudo nas horas difíceis de minha vida, só não esqueço a confiança na Virgem Maria, que aprendi aqui.

Ou então: - Que saudade tenho dos meus tempos de estudante em que aprendi também a tratar como mãe a Virgem Imaculada.

Como se pode sentir em toda a sua vida, Irmã Carmen tinha um espírito mariano por excelência. Se, nas fundações, faltava comida, cama, tudo, não podia faltar a imagem da Virgem; e a confiança nela fez triunfar o nascente Instituto de tantas e tantas ocasiões de afundar. Não havia preocupação de que a imagem da Virgem fosse de grande valor artístico; seu interesse era fazer sentir às religiosas e alunas um amor autêntico, real, sem sentimentalismo como dizia ela, em uma carta de 1909, “sejamos devotíssimas filhas de nossa Mãe, a Virgem Imaculada, e depois de viver aqui na terra cantando seus louvores, saboreando seus consolos, amparadas e defendidas por sua proteção poderosa, teremos a felicidade, no fim da nossa jornada, de ir descansar para sempre em seu amoroso regaço”.

Ela vivia esse amor a Maria. Por isso não lhe era difícil inculcá-lo em suas alunas e religiosas.

E como é bom amar de verdade a Nossa Senhora! Poder confiar plenamente nela, como fazia uma órfã que estava sob os cuidados das Irmãs, por volta de 1907, mais ou menos. Pois, a esta criança, Irmã Carmen tratava-a sempre com carinho e lhe dizia:

– A Virgem Maria é sua Mãe. Você tem que amá-La muitíssimo, ouviu?

E a pequena confiava na Virgem Maria como em sua mãe e lhe contava suas decepções e tristezas, seus desejos e, mais tarde, suas lutas...

E coração de mãe não se engana nunca. Uma vida impregnada de Maria só pode produzir frutos autenticamente marianos. E Maria, Mãe da Igreja, tão recomendada pelos Papas, olha com particular cuidado os que se entregam a ela e faz com que realmente a obra Concepcionista seja obra da Igreja, como queria Irmã Carmen que sempre recomendava a todas as Religiosas amor e cooperação com a Igreja.

Não era sem razão que ela escrevia em 1910: “*Nós, minhas filhas, somos mais felizes, pois no meio de nós se ostenta alegre, formosa, inundando-nos com seus mimos, nossa Mãe Imaculada*”.

E como pode estar triste aquela que tem tal intercessora no céu? A Própria Mãe de Deus! Claro que as Concepcionistas são felizes, alegres e querem que a juventude seja, sobretudo, autêntica na sua jovialidade, na alegria de viver; e isso se consegue quando, na realização do ideal atingido com o próprio esforço, se sente a suave mão de Maria que incita a ir adiante.

Madre ou Irmã Carmen – não importa o cognome – não cessa de aumentar em todas aquele amor marial que enchia os dias de sua vida, que a levou a passar muitas dificuldades para fortalecer uma “*Congregação que somente à glória de Deus, à honra da Santíssima e puríssima Virgem Maria se quer dedicar*”.

Não é, pois, de admirar que, aos vinte e cinco de julho de 1911, um pouco antes de morrer, Irmã Carmen tenha recebido a visita da Virgem Maria que vinha procurá-la para lhe dar a recompensa de seu abnegado desvelo por sua causa. É por isso que contam que, em um dos últimos momentos, Irmã Carmen, dirigindo-se à Irmã Providência, pediu-lhe que mandasse se afastar uma outra Irmã que estava a seu lado esquerdo. Porém,

ninguém se moveu do lugar. Então, Irmã Carmen puxou a mão da Irmã Providência e lhe disse:

– Diga-lhe que se afaste e deixe passar a Santíssima Virgem. Vocês não a estão vendo?

Seria realidade ou delírio? Só Deus o sabe. Mas o certo é que ninguém melhor que a Irmã Carmen cumpriu o que ela mesma recomendou em suas Constituições: *“As Religiosas procurarão sempre honrar e venerar a Imaculada Conceição, celebrando com grande solenidade e devoção as principais festividades da Santíssima Virgem, cuidando bem de que as jovens que com elas se eduquem se distingam pela devoção e afeto à Virgem Imaculada”*.



43

Século XX... Século XXI

“Ser competente é a forma atual de amar seus irmãos”.

Técnica. Progresso. Avanço na tecnologia, na ciência em geral, na medicina, na informática, no cinema, na tevê, no esporte, na vida familiar, social... enfim, em TUDO.

Angústia. Impotência. Miséria moral, social. Materialismo. Filosofia sem o Absoluto... sem a Causa primeira. Anseio de posições, de honras, de dinheiro, de poder. Opressão. Corrupção. Violência. Terrorismo...

Generosidade. Firmeza de caráter. Personalidade marcante. Mártires da paz, da igualdade social, do bem. Defensores dos oprimidos, dos marginalizados...

Eis o tempo que vivemos.

Mas, as Concepcionistas vão indo, inseridas no mundo, sem ser do mundo; modificados os hábitos, os costumes, porém fiéis ao essencial, ao espírito de sua Fundadora, que está pleno de Cristo, de seu Evangelho, de sua Igreja, de Maria.

“Ide e ensinai!”

Missão... Evangelização... Libertação...

As Concepcionistas educam, instruem, estão ao lado dos pobres, trabalham com a juventude, animam-na a estar no mundo para torná-lo de Cristo.

Milhares de jovens se educam em seus colégios; desde o maternal, jardim da infância, ou “párulos” ou “yochien” ou “maternales”; no primeiro grau ou fundamental ou elementar, no segundo grau, ou bachilerato ou ensino médio ou cursinhos, ou pré-U ou kinder ou magistério ou segmento ou... ou... ou... Não importa a terminologia, o que importa é que aí os jovens recebem formação integral e se preparam para as universidades e, sobretudo, para uma vida cristã nos lares, no mundo, formando hoje o mundo de amanhã. Obras sociais aumentam, inserção de comunidades na vida do povo, atenção especial ao “prevenir” abrindo creches, muitas com o significativo nome de Creche “Carmen Sallés”.

Os tempos mudaram e os lares (orfanatos) já não são prioridade, mas as meninas que passaram pelos lares concepcionistas lá receberam não só o carinho, mas instrução e educação. E muitas constituíram lares felizes, souberam vencer na vida.

Catequese direta ou indireta é uma missão querida das Concepcionistas; círculos bíblicos, ajuda aos Párocos, promoção humana, inserção no meio pobre, participação nas CEBs, nos diversos movimentos eclesiais.

Tudo é caminho, íngreme, às vezes, mas esplêndido para ir hasteando a bandeira de Cristo e Maria.

E a obra prospera. Novo movimento vem acrescentar vida à Congregação: o Movimento Leigo Concepcionista –MLC.

E Cristo imperará com Maria nos lugares onde as Concepcionistas estiverem.

São elas, diz o povo, as que, coerentes, no século XXI sabem compreender o amor e querem que a gente ame de verdade.

Amar é querer a felicidade do outro.

Inúmeras graças tem sido alcançadas através de Irmã Carmen Sallés de Jesus. Algumas consideradas milagres pela Santa Sé serviram para que, no dia quinze de março de 1998, o Papa João Paulo II a beatificasse numa cerimônia lindíssima em Roma, onde estavam presentes Concepcionistas, alunos, professores, famílias de religiosas e de alunos do mundo inteiro!

E o melhor: a paz interior, a graça de se sentir consolado, de ter a certeza de que ser filho de Maria é continuar a filiação divina que Cristo veio confirmar, quando se encarnou e realizou o Mistério da Redenção por amor de nós.

Madre Carmen Sallés, interceda por nós!!



CONCEPCIONISTAS
MISSIONÁRIAS
DO ENSINO